

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
ARTES VISUAIS**

Gabriela Vitória Massucato

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A tatuagem como linguagem artística na educação formal**

## **A tatuagem como linguagem artística na educação formal**

Gabriela Vitória Massucato

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - FAAC UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação sob orientação da Prof.a Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira

M422t Massucato, Gabriela Vitória  
A tatuagem como linguagem artística na educação formal / Gabriela  
Vitória Massucato. -- Bauru, 2025  
78 p. : tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Artes Visuais) -  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura,  
Artes, Comunicação e Design, Bauru  
Orientadora: Priscila Leonel de Medeiros Pereira

1. Tatuagem. 2. Arte-Educação. I. Título.

**GABRIELA VITÓRIA MASSUCATO**

**A TATUAGEM COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA DA EDUCAÇÃO FORMAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de arquitetura, artes e comunicação, Bauru, para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Data da defesa: 02/12/2025

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira  
UNESP - Faculdade de arquitetura, artes e comunicação - Campus de Bauru

---

Prof. Dr. Vitor Marcelino  
UNESP - Faculdade de arquitetura, artes e comunicação - Campus de Bauru

---

Prof. Dr. Vitor Machado  
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, me acompanharam e me apoiaram ao longo dessa trajetória.

À minha mãe e à minha irmã, pilares da minha vida em todos os sentidos, que me impulsionaram a seguir o caminho da educação e da vida acadêmica com coragem e determinação.

Aos professores que encontrei ao longo dos anos, desde a infância até a graduação — cada um deles deixou em mim uma marca valiosa. Espero um dia ser, para meus futuros alunos, o que muitos deles foram para mim.

Aos colegas de curso, com quem compartilhei aprendizados, vivências e afetos ao longo desses quatro anos, e cuja presença foi essencial em muitos momentos.

À Prof<sup>a</sup> Fabiana Martins, que além de orientadora de estágio, tornou-se uma amiga querida e inspiração para minha prática docente.

Ao tatuador Everson Sumati, cuja trajetória e olhar sobre a tatuagem foram uma grande inspiração neste processo.

E, com muito carinho, agradeço também ao meu parceiro de vida, que esteve ao meu lado nos dias bons e ruins, oferecendo apoio, escuta e amor. Sua presença foi essencial para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

A tatuagem, historicamente marcada por estigmas e preconceitos, tem ganhado crescente reconhecimento como forma legítima de expressão artística e cultural. No entanto, ainda é pouco abordada no ensino formal, especialmente nos currículos de Artes Visuais. Este trabalho tem como objetivo analisar a tatuagem como linguagem artística e discutir suas possibilidades de inserção no ensino formal de Artes Visuais. Para isso, adota-se a metodologia de pesquisa de campo, com intervenção pedagógica, articulada a estudo de caso, com base em autores que analisam a arte contemporânea, a educação artística e a ressignificação cultural da tatuagem. A intervenção foi realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, envolvendo a participação de um tatuador em aula, a fim de promover um diálogo entre arte, corpo e identidade. Além da aplicação de um questionário estruturado a escolas da rede pública do município de Bauru (SP). Os resultados indicam que a abordagem da tatuagem no ensino de arte contribui para a ampliação do repertório cultural dos estudantes, para a valorização da diversidade estética e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas.

**Palavras-chave:** tatuagem; ensino de arte; arte contemporânea; estigma; marginalidade; ressignificação.

## ABSTRACT

Tattooing, historically marked by stigma and prejudice, has increasingly gained recognition as a legitimate form of artistic and cultural expression. However, it remains scarcely addressed in formal education, particularly within Visual Arts curricula. This research aims to analyze tattooing as an artistic language and discuss its possibilities for inclusion in formal Visual Arts education. To this end, a field research methodology is adopted, with pedagogical intervention, articulated with a case study, based on authors who analyze contemporary art, art education, and the cultural re-signification of tattooing. The intervention was carried out with 9th-grade students, involving the participation of a tattoo artist in class, in order to promote a dialogue between art, body, and identity. In addition, a structured questionnaire was applied to public schools in the municipality of Bauru (SP). The results indicate that addressing tattooing in art education contributes to broadening students' cultural repertoire, valuing aesthetic diversity, and developing more inclusive and critical pedagogical practices.

**Keywords:** tattoo; art education; contemporary art; stigma; marginality; resignification.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Reconstrução do Homem de Gelo por Alfons e Adrie Kennis. Fonte: Museu de Arqueologia do Tirol do Sul. 14
- Figura 2 – Tatuagens de linhas do Homem do Gelo na região paravertebral esquerda. Fonte: The tattoos of the Tyrolean Iceman: a light microscopical, ultrastructural and element analytical study de Maria Anna Pabst e outros. Publicado em Journal of Archaeological Science ©2009. 16
- Figura 3 – Tatuagem de cruz no joelho direito. Fonte: The tattoos of the Tyrolean Iceman: a light microscopical, ultrastructural and element analytical study de Maria Anna Pabst e outros. Publicado em Journal of Archaeological Science ©2009. 16
- Figura 4 – A carcaça da Princesa do Gelo, com seu braço tatuado visível. Fonte: Yuri Zaritovsky / Sputnik 18
- Figura 5 – Homem de Gebelein, período pré-dinástico, por volta de 3500 a.C. Fonte: The British Museum 19
- Figura 6 – Homens Wodaabe com cabelos trançados e tatuagens faciais, região de Zinder-Tanout, Abouza, Níger, julho de 1970. Imagem nº EEPA EECL 2558. Arquivo Fotográfico Eliot Elisofon, Museu Nacional de Arte Africana, Instituição Smithsonian. 21
- Figura 7 – Fotografia e ilustração de mulher iorubá tatuada, por volta de 1975. Henry Drewal. 22
- Figura 8 – Tatuagens em Mo-1 T28 C22. Fonte: The world's oldest tattoos de Aaron Deter-Wolf e outros. Publicado em Journal of Archaeological Science: Reports ©2015 24
- Figura 9 – Tatuagens da “Múmia Tolteca” (1889) e uma nova representação de sua arte corporal (braços direito e esquerdo). Fonte: “Momia tolteca”: a 1700-year-old tattooed mexican mummy de Lars Krutak. 2013. 25
- Figura 10 – Arte da cultura Chancay. ( A ) Desenho de uma figura humana de cerâmica retratada com arte corporal semelhante aos restos mumificados. ( B ) Exemplo de arte têxtil. Fonte: Hidden artistic complexity of Peru’s Chancay culture discovered in tattoos by laser-stimulated fluorescence de Thomas G. Kaye e outros. © 2025 26
- Figura 11 – Tatuagens da cultura pré-colombiana Chancay, na costa do Peru. Fonte: Hidden artistic complexity of Peru’s Chancay culture discovered in tattoos by laser-stimulated fluorescence de Thomas G. Kaye e outros. © 2025. Legenda: ( A ) Tatuagem de “escamas” no antebraço de restos humanos mumificados sob luz branca. ( B ) Imagem LSF de A expondo detalhes finos adicionais na arte da tatuagem. Inserção mostrando detalhes de linhas finas. ( C ) Imagem infravermelha de A revela menos detalhes do que a imagem LSF em B. ( D ) Tatuagem de “videira” no topo da mão de outro indivíduo mumificado sob luz branca. ( E ) Imagem LSF de D revelando detalhes de linhas finas. ( F ) Tatuagem de dedo de um terceiro indivíduo sob luz branca. ( G ) Imagem LSF de F revela linhas finas adicionais em todo o design. ( H ) Imagem em luz branca de uma tatuagem de animal amorfa no peito de um quarto indivíduo. ( I ) A imagem LSF de H não mostra mais detalhes, com manchas amorfas e bordas mal definidas, sugerindo uma tatuagem de qualidade inferior à de A , D ou F. (Barra de escala, 1 cm.) 27

- Figura 12 – Mulher Munduruku. (AGASSIZ, L; AGASSIZ, E. 1938) 28
- Figura 13 – Localização do sítio Turkey Pen e contexto arqueológico do instrumento de tatuagem. Fonte: Redefining the age of tattooing in western North America: A 2000-year-old artifact from Utah, de Andrew Gillreath-Brown, Aaron Deter-Wolf, Karen R. Adams, Valerie Lynch-Holm, Samantha Fulgham, Shannon Tushingham, William D. Lipe, R.G. Matson. Publicado em *Journal of Archaeological Science: Reports* ©2019. Legenda: (A) Localização do abrigo Turkey Pen e escavação de 1972. (B) Perfil do monturo antes do isolamento da coluna central. (C) Escavação em andamento mostrando camadas distintas e contínuas para as três colunas. (D) O instrumento de tatuagem Turkey Pen consiste em um caule de sumagre skunkbush de madeira (*Rhus trilobata*), envoltório de folhas rachadas de yucca (*Yucca* spp.) e dois espinhos de cactos pera espinhosa (cf. *Opuntia* spp.). 30
- Figura 14 – Tiras de folhas de iúca no artefato de tatuagem Turkey Pen e na réplica do instrumento de tatuagem. Fonte: Redefining the age of tattooing in western North America: A 2000-year-old artifact from Utah, de Andrew Gillreath-Brown, Aaron Deter-Wolf, Karen R. Adams, Valerie Lynch-Holm, Samantha Fulgham, Shannon Tushingham, William D. Lipe, R.G. Matson. Publicado em *Journal of Archaeological Science: Reports* ©2019. Legenda: (A) Tiras de folhas de iúca spp. amarradas ao redor da parte inferior do cabo de madeira do artefato Turkey Pen perto dos espinhos do cacto (mostrado no canto inferior direito). (B) Tiras de folhas de iúca spp. amarradas ao redor da parte inferior do cabo de madeira do artefato Turkey Pen perto dos espinhos do cacto. (D) Micrografia SEM de tiras de folhas de iúca modernas enroladas ao redor de uma réplica moderna de ferramenta de tatuagem experimental com ampliação de 18×. 31
- Figura 15 – Espinhos de cacto do artefato de tatuagem Turkey Pen. Fonte: Redefining the age of tattooing in western North America: A 2000-year-old artifact from Utah, de Andrew Gillreath-Brown, Aaron Deter-Wolf, Karen R. Adams, Valerie Lynch-Holm, Samantha Fulgham, Shannon Tushingham, William D. Lipe, R.G. Matson. Publicado em *Journal of Archaeological Science: Reports* ©2019. Legenda: (A) Uma imagem dos espinhos de cacto do artefato mostrando manchas nas pontas tiradas com um estereomicroscópio com ampliação de 15,625×. (B) Micrografia SEM das pontas dos espinhos de cacto do artefato Turkey Pen com ampliação de 100×. 32
- Figura 16 – Ossos de peru afiados encontrados no Feature 94/Burial 24 no sítio de Fernvale, Tennessee. A24. A25. A26 e A27. Fonte: Ancient Native American bone tattooing tools and pigments: Evidence from central Tennessee de Aaron Deter-Wolf, Tanya M. Peres, Steven Karacic. Publicado em: *Journal of Archaeological Science: Reports* ©2021. Legenda: Os dois artefatos completos (A24 e A25) exibem microdesgaste em suas pontas consistente com o uso como instrumentos de tatuagem. 33
- Figura 17 – Ossos de peru afiados encontrados no Feature 94/Burial 24 no sítio de Fernvale, Tennessee. A29. Fonte: Ancient Native American bone tattooing tools and pigments: Evidence from central Tennessee de Aaron Deter-Wolf, Tanya M. Peres, Steven Karacic. Publicado em: *Journal of Archaeological Science: Reports* ©2021. Legenda: Ambos são cortados obliquamente em ângulos de 22,5–23 graus e exibem desenvolvimento polido ao longo das superfícies cortadas. 34
- Figura 18 – Mancha de tinta em um dos “cartuchos” de osso humano. Fonte: Tatuagem Antiga na Polinésia, de Geoffrey Clark, Michelle C. Langley, e outros, publicado em *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, ©2019. 35

Figura 19 – Exemplar do projeto de Thomas Edison. Fonte: Tatuagem: história e contemporaneidade de Rodrigo Muniz de Souza Lima. Publicado no Repositório da Universidade de Lisboa.	44
Figura 20 – Os projetos de O'Reilly e Charles Wagner. Fonte: Tatuagem: história e contemporaneidade de Rodrigo Muniz de Souza Lima. Publicado no Repositório da Universidade de Lisboa.	45
Figura 21 – Vista parcial da exposição Arte da Alma: História da Tatuagem no Brasil, com retratos de pessoas tatuadas e moldes de corpos sintéticos tatuados. Crédito: Mariana Marão / Divulgação Santander Brasil.	48
Figura 22 – Escultura sintética de perna tatuada exposta na mostra Arte da Alma: História da Tatuagem no Brasil. As peças tridimensionais reproduzem técnicas, estilos e simbologias da tatuagem brasileira. Crédito: Mariana Marão / Divulgação Santander Brasil.	49
Figura A1 – Página 1 do material entregue aos alunos.	68
Figura A2 – Página 2 do material entregue aos alunos.	69
Figura A3 – Página 3 do material entregue aos alunos.	70

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 A HISTÓRIA DA TATUAGEM: DAS ORIGENS AO SÉCULO XX.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS.....</b>	<b>13</b>
1.1.1 Europa e Ásia.....	15
1.1.2 África.....	19
1.1.3 América.....	23
1.1.4 Oceania.....	34
Considerações sobre as origens da tatuagem.....	35
<b>1.2 A TATUAGEM ANTES DE JAMES COOK E SUA MARGINALIZAÇÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>1.3 O RESGATE DA TATUAGEM: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA TATUAGEM MODERNA.....</b>	<b>41</b>
1.3.1 Estigmas persistentes e moralidade moderna.....	42
1.3.2 A tatuagem no Ocidente entre os séculos XIX e XX.....	44
1.3.3 A tatuagem como arte.....	46
<b>2 ENSINO DA ARTE E TATUAGEM.....</b>	<b>51</b>
<b>2.1 DOCUMENTOS CURRICULARES NACIONAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>2.2 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS.....</b>	<b>53</b>
2.2.1 Pesquisa exploratória: a tatuagem no ensino de Arte em Bauru.....	55
<b>3 A TATUAGEM COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO FORMAL: UMA EXPERIÊNCIA COM O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE A - Questionário aplicado às escolas da cidade de Bauru (SP).....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE B - Material didático utilizado na experiência prática.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A tatuagem, historicamente envolta em estigmas e preconceitos, consolidou-se nas últimas décadas como uma das expressões artísticas e culturais mais potentes da contemporaneidade. Longe de representar apenas uma marca corporal, ela se manifesta como linguagem, narrativa e símbolo de identidade. Em meio às transformações da arte contemporânea, a tatuagem tornou-se um espaço de criação, diálogo e resistência, expandindo os limites tradicionais da arte e questionando as fronteiras entre corpo e obra, artista e suporte. No entanto, apesar de sua relevância estética e cultural, a tatuagem ainda é amplamente negligenciada no contexto educacional, sobretudo nos currículos de Artes Visuais, onde permanece ausente como conteúdo formativo. Essa lacuna revela um distanciamento entre o ensino formal e as manifestações artísticas que compõem o cotidiano e o imaginário dos alunos.

A problemática que orienta este estudo parte da seguinte questão: por que a tatuagem, reconhecida como expressão artística e linguagem visual legítima, ainda não é incluída nos currículos nacionais de ensino das artes visuais? A investigação busca compreender as causas dessa exclusão e refletir sobre as possibilidades de inseri-la de forma pedagógica e significativa no espaço escolar. Essa reflexão se torna ainda mais urgente diante de um cenário em que a arte contemporânea propõe o rompimento de hierarquias estéticas e valoriza as produções culturais que emergem das margens sociais. Considerar a tatuagem como linguagem artística na educação formal significa, portanto, ampliar os horizontes do ensino da arte e reconhecer no corpo um território simbólico de expressão, pertencimento e diálogo intercultural.

A justificativa desta pesquisa baseia-se na necessidade de promover uma educação artística mais inclusiva, crítica e conectada à realidade dos estudantes. Inserir a tatuagem no ensino das artes visuais é reconhecer que os corpos são também suportes de arte e memória, e que as práticas visuais não se limitam a telas, papéis ou esculturas. Ao tratar o corpo como suporte artístico, o ensino de arte pode se tornar um espaço de valorização das identidades e das múltiplas formas de criação que compõem o mundo contemporâneo. Além disso, discutir a tatuagem em sala de aula contribui para desconstruir preconceitos, estimular o pensamento crítico e fomentar a reflexão sobre o papel social da arte, abrindo caminho para práticas pedagógicas que valorizem a diversidade estética e cultural.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a tatuagem como linguagem artística e discutir suas possibilidades de inserção no ensino formal de Artes Visuais. Como objetivos específicos, busca-se compreender os processos históricos e socioculturais que contribuíram para a marginalização da tatuagem no contexto ocidental e educacional e investigar, por meio de pesquisa de campo e intervenção pedagógica, como a tatuagem pode ser abordada no ensino de arte de forma crítica, ética e significativa. A pesquisa pretende, assim, contribuir para uma ampliação do repertório docente e para a construção de práticas pedagógicas mais coerentes com as transformações da arte e da sociedade contemporânea.

A metodologia adotada é uma pesquisa de campo, com intervenção pedagógica, articulada a estudo de caso, além da aplicação de questionário estruturado a escolas da rede pública do município de Bauru (SP). A princípio o trabalho busca contextualizar a tatuagem de forma geral, fundamentando-se em obras que discutem a história da tatuagem, sua evolução como forma de arte e sua relação com a estética e a cultura contemporâneas, além de textos sobre ensino de arte e pedagogias críticas. Após, a intervenção pedagógica realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, na qual um tatuador foi convidado a participar de uma aula, promovendo o diálogo entre prática artística, contexto social e processo educativo. Essa vivência buscou compreender como a tatuagem pode ser abordada de maneira sensível e construtiva em sala de aula, articulando teoria e prática. Por fim, o resultado da aplicação do questionário.

A pesquisa está estruturada em capítulos que contextualizam historicamente a tatuagem, discutem sua marginalização e ressignificação na sociedade ocidental e analisam sua possível integração ao ensino formal. Por meio desse percurso, pretende-se demonstrar que a tatuagem, além de expressão estética, é também instrumento de comunicação, resistência e transformação, capaz de dialogar com os princípios da educação artística contemporânea e contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de suas próprias narrativas visuais.

# **1 A HISTÓRIA DA TATUAGEM: DAS ORIGENS AO SÉCULO XX**

## **1.1 PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS**

Há cerca de 200 mil anos atrás, surgem os primeiros exemplares da espécie Homo sapiens. Contudo, desde há cerca de 70 mil anos, alguns feitos da espécie passam a se destacar. Por volta desta data, os sapiens deixam a África pela segunda vez e expulsam os neandertais e demais espécies de uma vez da face da Terra. O período entre 70 mil e 30 mil anos atrás foi testemunha de invenções como o barco, as lamparinas a óleo, o arco e flecha e as agulhas (essenciais para fabricar roupas quentes). (Harari, 2011).

Essa data e todos esses avanços marcam a revolução cognitiva, marcada pela nova capacidade de se comunicar, aprender e memorizar, que nos traria como resultado a criação de mitos, histórias e religiões e objetos que podem ser classificados como arte e joias. (Harari, 2011).

Acredita-se que os primeiros indícios de arte tenham surgido entre 40 mil e 13 mil anos atrás, em meio a grupos humanos com mais tecnologias. A caverna de Chauvet, que fica na França, tem uma das artes rupestres mais antigas já encontradas, com cerca de 32 mil anos. (VIANA, V; BUCO, C; SANTOS, T; SOUSA, L, 2016)

A arte, nesse contexto, não se limitava a superfícies como paredes de cavernas, rochas e folhas. A pele humana também servia como tela viva para essas expressões. Embora os vestígios mais antigos que foram encontrados sejam de 5,3 mil anos, há indícios de que a prática de pintar e modificar a pele seja mais antiga, tendo surgido consequentemente a arte rupestre.

Além das pinturas rupestres, existem indícios arqueológicos, como ferramentas pigmentadas e fragmentos de ossos tingidos, de que os povos já utilizavam corantes naturais para marcar a pele, seja para rituais religiosos, identidade social e hierárquica ou para proteção espiritual. A necessidade de se expressar e pertencer ao grupo levou os primeiros humanos a criar símbolos que não somente foram desenhados em paredes de rocha, mas também em sua própria pele.

Existem diversos vestígios arqueológicos, de diversas datas, que evidenciam a prática da tatuagem. O mais antigo entre eles seria o da múmia encontrada em 1991, na

região glacial dos Alpes italianos, de nome Ötzi, também conhecido como “Iceman”. É a múmia mais antiga da Europa e uma das mais estudadas do mundo.



Figura 1 – Reconstrução do Homem de Gelo por Alfons e Adrie Kennis. Fonte: Museu de Arqueologia do Tirol do Sul.

### 1.1.1 Europa e Ásia

As evidências mais antigas encontradas sobre a existência das tatuagens são as encontradas no corpo de Ötzi, a múmia mais antiga da Europa, descoberta nos alpes italianos por caminhantes alemães em 1991. Este homem viveu em uma região montanhosa localizada nas atuais Itália e Suíça chamada Tirol, há 5,2 mil anos entre 3400 e 3100 a.C. O gelo foi o principal elemento responsável por sua preservação. Estudos realizados indicam que o indivíduo viveu durante o período Neolítico e faleceu com cerca de 30 a 45 anos de idade. Ele media cerca de 1,65 m e pesava 50 kg. (Pabst *et al.*, 2009)

Foram encontradas 61 marcas tatuadas, sobre as quais o significado não é conclusivo, pois os investigadores concordam que não é possível saber a razão que o levou a se tatuar. Porém a forma como foram feitas pode servir para teorizar sua finalidade. Acreditam que tais linhas tenham sido feitas perfurando a pele e depois aplicando fuligem. Por se encontrarem em pontos do corpo associados a dores como o joelho e tornozelo, teoriza-se que elas podem ter uma função medicinal. Já as linhas encontradas no peito de Ötzi, indicam função religiosa e ritualística. (Samadelli *et al.*, 2015)

Segundo a equipe do Instituto de Pesquisas sobre Múmias de Bolzano, responsável pela pesquisa sobre as tatuagens de Ötzi, elas foram o resultado de um tratamento de acupuntura realizado no homem enquanto ele estava vivo.

No entanto, o que não foi possível descobrir foi se as marcas causadas pela fuligem, que chamamos de tatuagem, apenas demarcavam a região em que as agulhas seriam aplicadas, ou se elas eram a própria acupuntura. (Pabst *et al.*, 2009)



Figura 2 – Tatuagens de linhas do Homem do Gelo na região paravertebral esquerda.



Figura 3 – Tatuagem de cruz no joelho direito.

Partindo para a Ásia Central, também foram encontradas tatuagens nos corpos de membros da cultura Pazyryk<sup>1</sup>, que viveram entre os séculos VI e II a.C na atual Rússia. Estes nômades têm suas construções funerárias caracterizadas pela presença de dois ou mais montes funerários, um atrás do outro, em fila. Em 1993, a arqueóloga russa Natalia Polosmak e sua equipe descobriram uma tumba antiga no Planalto de Ukok, na região das Montanhas Altai, na Rússia, perto da fronteira com a China. Apesar do costume de enterrar as famílias em fila, o túmulo em questão é um túmulo solitário, longe de qualquer cemitério Pazyryk. Isso indica que a jovem mulher enterrada nesta cova viveu independentemente de qualquer grupo ou família. Ela, porém, não foi

---

<sup>1</sup> Pazyryk é um antigo povo nômada que viveu na zona das Montanhas Altai na Rússia siberiana a sul da atual cidade de Novosibirsk, perto da China, Cazaquistão e Mongólia. "Pazyryk." NATIONAL GEOGRAPHIC. Scientists reconstruct the tattoos of a 2,000-year-old Siberian ice mummy. Disponível em: [https://www.nationalgeographic.com/science/article/ice-mummy-tattoos?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.nationalgeographic.com/science/article/ice-mummy-tattoos?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 24 mar. 2025.

enterrada escondida, mas colocada no meio do vale do rio Ak-Alakha, como alguém que pertencia a toda a cultura Pazyryk. (Polosmak, 2006).

Na região de Altai, a população de Kara-Koby<sup>2</sup> coexistiu e foi submetida pelo povo Pazyryk, o que explica porque diversos túmulos Pazyryk foram violados e roubados por membros da população Kara-Koby. No entanto, o túmulo da mulher não foi possível de corromper, por conta de seus troncos congelados que iam até o núcleo.

Os arqueólogos derreteram cuidadosamente o gelo e encontraram a múmia de uma pessoa que pode ser considerada muito importante, visto a forma que foi enterrada, já que seis cavalos com arreios completos foram sacrificados e enterrados perto de seu caixão, uma peça de madeira feita de um tronco de árvore de lariço<sup>3</sup>. A jovem ficou conhecida como a "Princesa do Planalto de Ukok", ou, como era chamada na imprensa de língua inglesa, "A Donzela de Gelo Siberiana". O corpo da jovem mulher estava em um estado surpreendente de preservação, sendo possível ver claramente as tatuagens em sua pele.

Essas tatuagens desempenharam um papel importante em sua vida: "A pele (ou couro) era considerada como aquela que dava à luz a vida e o início da existência. Na língua abkhazia<sup>4</sup>, por exemplo, para expressar a relação de sangue, a semântica da pele era usada" (Polosmak, 2006). O status de "Princesa" partiu do fato de que suas tatuagens se assemelham às que foram encontradas em um homem de outro cemitério Pazyryk. Isso permitiu que a conexão entre eles fosse investigada, e chegou-se a supor que as tatuagens pudessem indicar que eles pertenciam a uma das famílias governantes desse povo.

---

<sup>2</sup> Kara Koby (em russo: Кара Кобы; em altai: Кор-Кобы, Kor-Koby) é uma localidade rural no distrito de Ongudaysky, na República de Altai, Rússia. "Kara Koby." Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Kara\\_Koby](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kara_Koby). Acesso em: 24 mar. 2025.

<sup>3</sup> Lariço - Árvore da ordem das coníferas, natural da zona temperada setentrional, que compreende um pequeno número de espécie pináceas, algumas das quais atingem até 40 m de altura. Fornece a chamada terebintina de Veneza. O mesmo que larice e lárix. DICIO, DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Lariço. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/larico/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

<sup>4</sup> A Abecásia, Abcásia, Abecázia, Abcázia, ou ainda Abkházia é uma região no Cáucaso (Cáucaso e Caucásia, são nomes dados a uma região da Europa oriental e da Ásia ocidental, entre o mar Negro e o mar Cáspio, que inclui a cordilheira do mesmo nome e as planícies adjacentes) e uma república autônoma no norte da Geórgia que se declara independente. BRITANNICA. Abkhazia. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Abkhazia>. Acesso em: 24 mar. 2025.



Figura 4 – A carcaça da Princesa do Gelo, com seu braço tatuado visível. Fonte: Yuri Zaritovsky / Sputnik

Polosmak (2006), descreve as imagens:

A tatuagem cobria ambos os braços da mulher. Algumas falanges dos dedos também estavam cobertas com desenhos. Os desenhos eram azuis. Eles se destacavam contra um fundo de pele branca. Os desenhos foram preservados apenas no braço esquerdo e no pulso e polegar direitos. Havia um desenho de um animal fantástico da mitologia Pazyryk no ombro da mulher: um veado com bico de grifo, com chifres de veado e capricórnio decorados com cabeças de grifo. Há uma cabeça de grifo no corpo do veado também. O animal está em posição deitada. Há um carneiro na mesma posição abaixo. A boca de dentes grandes de leopardo malhado está perto de seus pés. Animal fantástico com a cabeça que não foi preservada está localizada abaixo. Cabeça de veado com grandes chifres ramificados pode ser bem vista no pulso. (Polosmak, 2006, Tradução nossa).<sup>5</sup>

Com a análise de inúmeros exemplares de corpos tatuados, é possível entender que nas sociedades arcaicas quem geralmente fazia tatuagens eram as mulheres. A mulher, nessas sociedades, tem o papel de guardiã das tradições e tudo o que é feito

---

<sup>5</sup> The tattoo covered both arms of the woman. Some phalange of fingers were also covered with designs. Designs were blue. They stood out against a background of white skin. The designs preserved only on the left arm and on the right wrist and thumb. There was a design of a fantastic animal of the Pazyryk mythology on the women's shoulder: a deer with griffin beak, with horns both deer and capricorn horns decorated with griffin heads. There is a griffin head on the deer body also. The animal is in lying position. There is a ram in the same position below. Large-toothed mouth of spotted leopard is near its feet. Fantastic animal with the head which has not been preserved is located below. Deer head with large branchy antlers can be well seen on the wrist.

pensando na posterioridade é feito pelas mãos delas e marcadas em seus corpos.

### 1.1.2 África

Partindo para o continente africano, a próxima evidência trata-se do Homem de Gebelein e da Mulher de Gebelein, encontrados em torno de 1900 no sítio de Gebelein, no Alto Egito. Eles viveram entre 3351 e 3017 a.C. Segundo Antoine (2012), curador de Antropologia Física no Museu Britânico, sobre o Homem de Gebelein:

O contato direto com a areia quente e seca naturalmente mumificou seu corpo, tornando-o um dos indivíduos mais bem preservados do antigo Egito. Ele está na coleção do Museu Britânico há mais de 100 anos e, em 2012, foi retirado do Museu pela primeira vez para ser escaneado por TC. (Antoine, 2012 Tradução nossa.)<sup>6</sup>

As múmias foram enterradas em covas rasas, sem nenhum cuidado especial para preservar os corpos, mas as condições climáticas e ambientais do local contribuíram para uma mumificação natural.

Ao longo dos anos, as análises revelaram detalhes sobre os indivíduos. O homem, por exemplo, tinha cerca de 18 a 21 anos, e provavelmente foi morto com um golpe de faca nas costas. Entretanto, as tatuagens em ambos só foram descobertas recentemente.



Figura 5 – Homem de Gebelein, período pré-dinástico, por volta de 3500 a.C. Fonte: The British Museum  
Eles são o primeiro caso de tatuagem com imagens figurativas encontradas. No corpo masculino foram identificados desenhos de dois animais com chifres, possivelmente

<sup>6</sup> Direct contact with the hot, dry sand naturally mummified his body, making him one of the best-preserved individuals from ancient Egypt. He has been in the British Museum collection for over 100 years and in 2012 he was taken out of the Museum for the first time to be CT scanned.(Antoine, 2012).

um touro e uma ovelha, que podem estar associados à ideia de força. Já as marcas presentes no corpo feminino são mais complexas de interpretar: no ombro direito, há quatro linhas dispostas em forma de “S”, enquanto no braço direito observa-se uma linha curva, lembrando galhos, bastões ou mesmo um cajado torto. Em relação aos sinais em “S”, os pesquisadores sugerem que poderiam ter a função de enfatizar ou interligar elementos distintos de uma composição. Assim, tudo leva a crer que essas tatuagens possuíam caráter ritualístico. (Antoine, 2012)

Para além do Egito, a tatuagem também se manifesta amplamente pelo continente africano, assumindo funções que ultrapassam o campo estético. Em muitos povos, o ato de marcar o corpo possui caráter ritualístico, medicinal e mágico, ligado à identidade, espiritualidade e status social. Lars Krutak (2023) observa que, em línguas africanas, os termos usados para “tatuar” ou “cicatrizar” se aproximam semanticamente de verbos como desenhar, pintar, esculpir ou “alcançar um objetivo” — o que revela o valor simbólico e expressivo dessas marcas corporais.

Entre os povos Fulani e Wodaabe, que habitam a região do Sahel, zona de transição entre o deserto do Saara e as savanas, as tatuagens possuíam dimensões estéticas e protetoras. Os Wodaabe acreditavam que os símbolos inscritos na pele poderiam afastar maus espíritos, atrair boa sorte ou realçar a beleza física, qualidade muito valorizada em suas tradições. Já entre os Fulani de Mali, as mulheres tatuavam os lábios e as gengivas em um ritual denominado socou-gol, no qual o pigmento era preparado com carvão e manteiga de karité. A prática marcava a passagem da infância à vida adulta e, segundo Krutak, simbolizava também fertilidade e coragem diante da dor.



Figura 6 – Homens Wodaabe com cabelos trançados e tatuagens faciais, região de Zinder-Tanout, Abouza, Níger, julho de 1970.

No leste da África, os Barabaig da Tanzânia e os Karamajong de Uganda produziam tatuagens em relevo, feitas com incisões preenchidas por pigmentos à base de carvão e urina de gado, que resultavam em pequenos relevos ao redor dos olhos e do rosto. Tais marcas possuíam tanto caráter estético quanto espiritual, representando maturidade e pertencimento ao grupo. De forma semelhante, as mulheres Bantu Chowke de Angola e Namíbia traziam padrões geométricos semelhantes, muitas vezes associados à feminilidade e à proteção. (Krutak, 2023)

Outro exemplo é o dos Bini (Edo), fundadores do antigo Império do Benim, na atual Nigéria. Para eles, a tatuagem, chamada iwu, era um marcador de cidadania e pureza ritual. Um corpo sem tatuagens era visto como “impuro” ou “estrangeiro”, e os indivíduos tatuados adquiriram prestígio social, sendo permitidos dentro do palácio real. As marcas, feitas com lâminas e pigmentos de folhas queimadas, também distinguiam mulheres que pertenciam ao harém do rei. (Krutak, 2023)

Ainda na Nigéria, o povo Iorubá desenvolveu um dos sistemas de tatuagem mais

complexos e simbólicos. Suas marcas, conhecidas como kolo, eram aplicadas antes do casamento e exaltavam virtudes como coragem e resistência à dor. Os desenhos, segundo Krutak, podiam representar elementos da natureza — lagartos, conchas, árvores, pássaros — ou objetos ritualísticos, como coroas e bastões. Além da função estética, essas tatuagens também tinham fins terapêuticos: cortes específicos no rosto ou no corpo recebiam substâncias medicinais para tratar doenças ou atrair a proteção de divindades como Ogun.

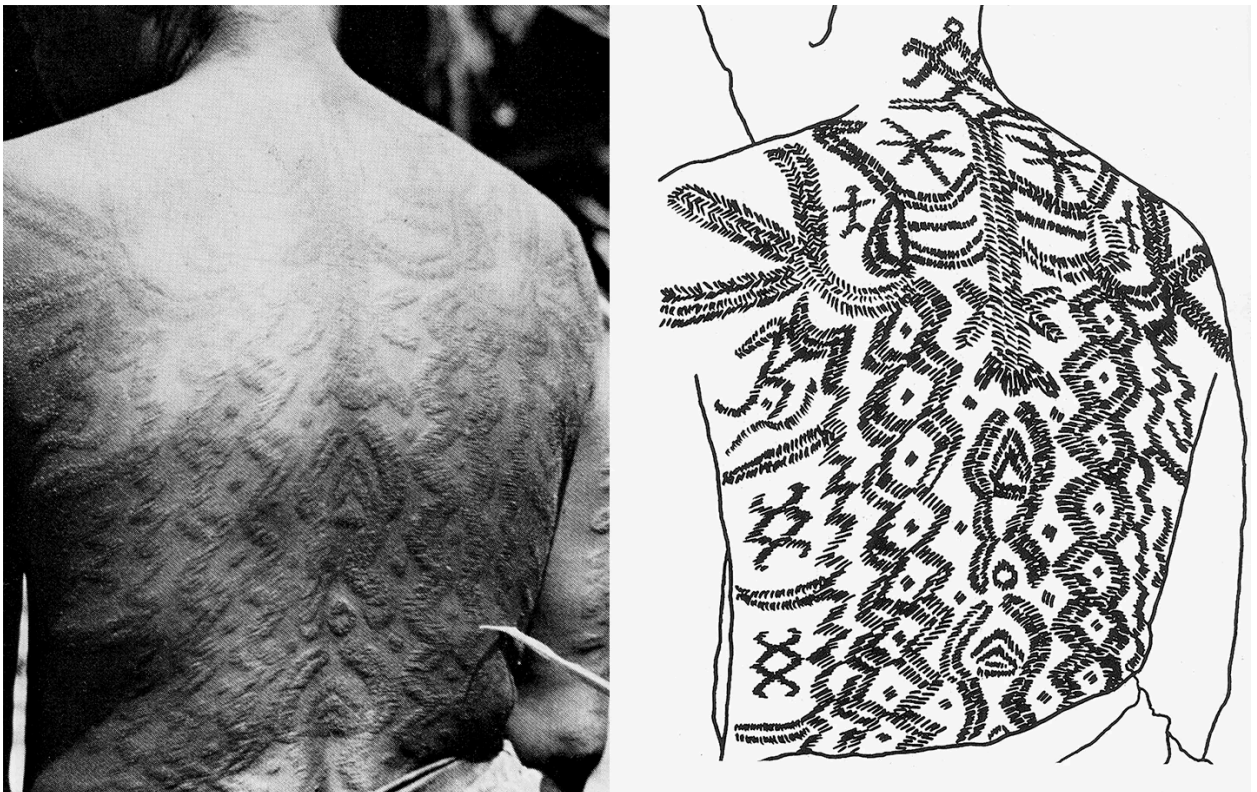


Figura 7 – Fotografia e ilustração de mulher iorubá tatuada, por volta de 1975. Henry Drewal.

Em regiões da África Central, como Camarões e Guiné Equatorial, os Fang produziam tatuagens de natureza espiritual. Cada clã tinha seus próprios padrões e símbolos, como luas, lanças, pássaros e serpentes, que identificavam linhagens e evocavam a proteção de animais sagrados. O processo de tatuagem envolvia incisões feitas com pequenas lâminas e a aplicação de pigmentos de fuligem. Entre as mulheres, essas marcas também se relacionavam à fertilidade e à pertença a sociedades secretas. (Krutak, 2023)

Mais ao sul, em Moçambique, destacam-se os Nhúngüé, os Chicunda e especialmente os Makonde, cujo sistema de tatuagem, chamado dinembo, é considerado um dos mais elaborados da África. Os Makonde tatuavam o rosto e o corpo com desenhos

geométricos, linhas e figuras de animais, utilizando pigmentos vegetais e instrumentos cortantes tradicionais. As tatuagens estavam associadas a ritos de iniciação e à preparação para o casamento, sendo consideradas um símbolo de maturidade, beleza e coragem. Entre as mulheres, os desenhos no abdômen e nas coxas eram tidos como eróticos e ligados à fertilidade. Krutak ressalta que o ato de sangrar durante o processo representava força e resistência, aproximando-se de uma concepção simbólica do sangue como energia vital e elemento de ligação entre o corpo e o sagrado.

Apesar da repressão cultural ocorrida durante o colonialismo e o período socialista moçambicano, quando práticas como o *dinembo* foram proibidas, essas tradições persistiram na memória coletiva, mantendo-se como símbolos de identidade, ancestralidade e espiritualidade africana.

Assim, as tatuagens na África Subsaariana revelam-se muito mais do que ornamentos: são formas de linguagem que inscrevem na pele as histórias, crenças e valores de cada comunidade, refletindo uma estética que une o corpo ao espírito e o indivíduo à coletividade.

### **1.1.3 América**

Ötzi é considerado o exemplar mais antigo de tatuagens já encontradas, no entanto, alguns estudiosos argumentaram que uma múmia Chinchorro<sup>7</sup> encontrada na década de 80 no Chile seria ainda mais antiga.

Em outubro de 1983, aos arredores da cidade de Arica, no Chile, foram encontradas várias sepulturas contendo restos mumificados naturalmente de pessoas que teriam pertencido à cultura Chinchorro. Em apenas um desses corpos foi identificado um exemplar de tatuagem, que foi descrito como “um pequeno bigode formado por uma série de pontos de carvão sob a pele”. Mais tardiamente, em 1988, foi relatado que quatro das múmias possuíam tatuagens, o homem identificado em 1983 e mais três mulheres, das culturas Maitas Chiribaya, Tiwanaku e San Miguel.

---

<sup>7</sup> A Cultura Chinchorro foi uma cultura de povos caçadores-coletores marinhos pré-colombianos, que viveram entre os anos de 7.400 a.C. e 2.840 a.C. na costa do Pacífico, entre Antofagasta na região do norte do Chile e Ilo no sul do Peru. Possuíam o costume de mumificar artificialmente seus mortos e enterrá-los em cemitérios. A mumificação artificial dos Chinchorros é considerada a mais antiga da história humana

O homem é identificado como Mo-1 T28 C22, acredita-se que tinha 35 a 40 anos quando morreu. Durante os anos 80, uma amostra pulmonar da múmia Mo-1 T28 C22 foi encaminhada para datação por radiocarbono e identificada como uma múmia do período 2563–1972 a.C. Somente com a datação de radiocarbono chegou-se à conclusão de que Otzi manteve seu posto como os restos humanos tatuados mais antigos descobertos até hoje, sendo do período 3370–3100 a.C. (Deter-Wolf *et al*, 2015)



Figura 8 – Tatuagens em Mo-1 T28 C22.

Ainda na América Latina, em 1889, foi encontrada em uma caverna perto de Santa María Camotlán, Oaxaca, uma múmia tolteca. Tratava-se de uma mulher que teria vivido por volta de 250 d.C., cujo corpo apresentava tatuagens complexas no antebraço, compostas por formas geométricas e representações de movimento. Esses desenhos remetem às ondas características da região e possivelmente guardam relação com as tradições dos escribas do período conhecido como Oaxaca Tardio (“Mixteca-Puebla”)<sup>8</sup>. Após sua descoberta, a múmia permaneceu esquecida por 123 anos, até que, em 2012, seus estudos foram retomados. (Krutak, 2013)

<sup>8</sup> O período tardio da Mixteca foi uma fase de povoamento que ocorreu no vale de Oaxaca, no México



Figura 9 – Tatuagens da “Múmia Tolteca” (1889) e uma nova representação de sua arte corporal (braços direito e esquerdo). Fonte: “Momia tolteca”: a 1700-year-old tattooed mexican mummy de Lars Krutak. 2013.

No Peru, destacam-se as múmias do povo Chancay, pertencente a uma cultura pré-colombiana que floresceu na costa central do país entre 900 e 1533 d.C. Esses indivíduos mumificados foram descobertos em 1981, durante uma escavação conduzida pelo Dr. Arturo Ruiz e sua equipe no cemitério de Cerro Colorado, no Vale Huaura — uma área arqueológica situada entre Puerto de Huacho e Barrio de Amay, próxima à atual cidade de Huacho. (Kaye *et al.*, 2025)

As tatuagens presentes nessas múmias foram analisadas em um estudo publicado no periódico *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*, em 13 de janeiro de 2025. Os desenhos, de grande complexidade, tornaram-se visíveis por meio da tecnologia de fluorescência estimulada por laser (LSF<sup>9</sup>). (Kaye *et al.*, 2025)

<sup>9</sup> Fluorescência induzida por laser (LIF) ou fluorescência estimulada por laser (LSF) é um método espectroscópico no qual um átomo ou molécula é excitado para um nível de energia mais alto pela absorção de luz laser seguida pela emissão espontânea de luz.

Os pesquisadores observaram ainda que as tatuagens apresentavam semelhanças com os padrões encontrados nas estampas têxteis produzidas pelo povo Chancay, sugerindo uma relação entre as práticas corporais e sua tradição artística.

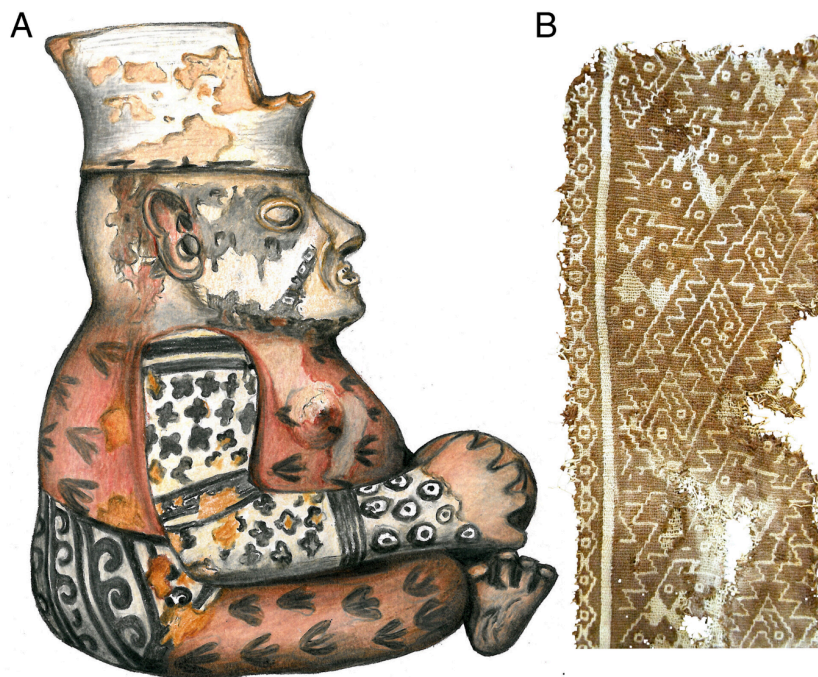


Figura 10 – Arte da cultura Chancay. ( A ) Desenho de uma figura humana de cerâmica retratada com arte corporal semelhante aos restos mumificados. ( B ) Exemplo de arte têxtil.

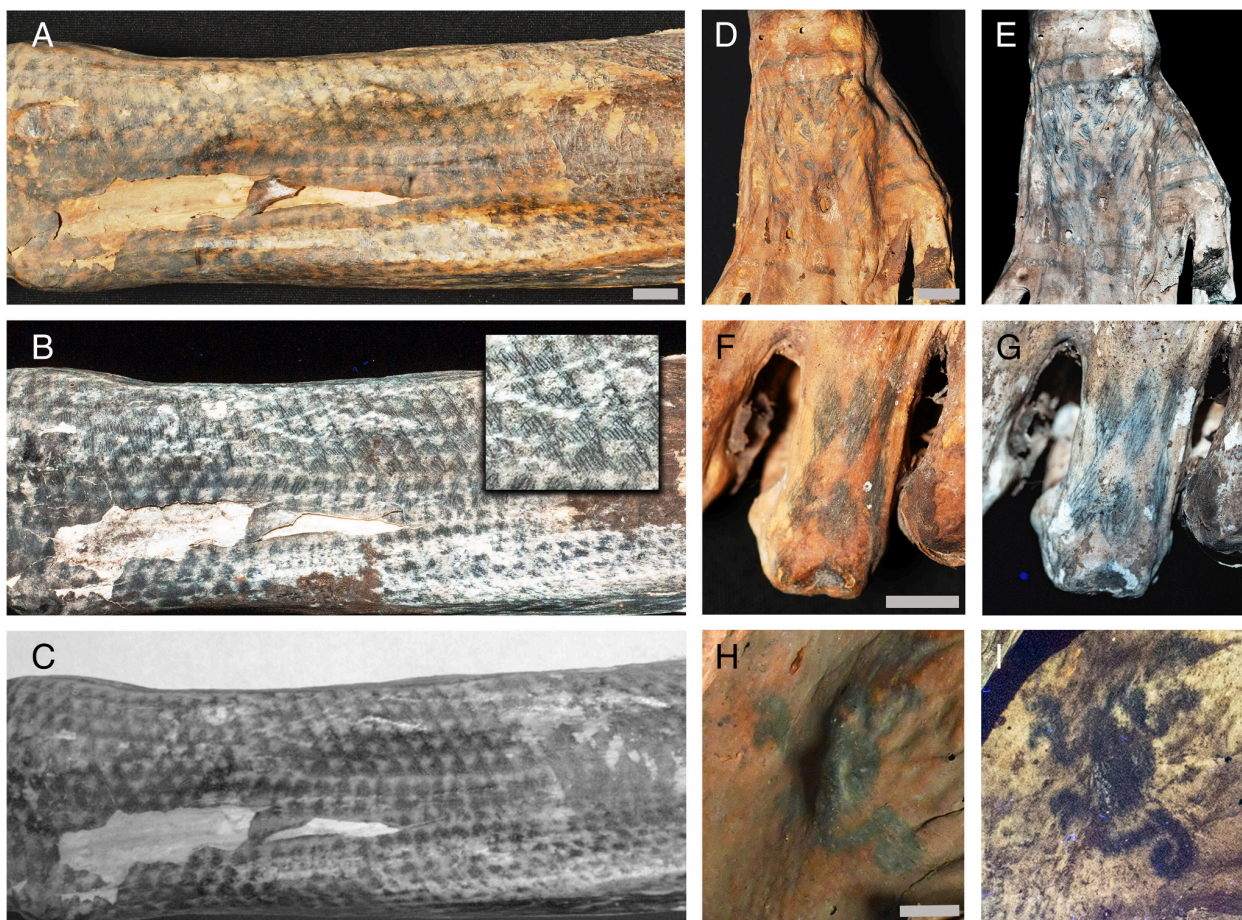


Figura 11 – Tatuagens da cultura pré-colombiana Chancay, na costa do Peru.

A arte de tatuar era uma forma de expressão com destaque na América do Sul antes da colonização hispânica e portuguesa. E isso se comprova pelos restos mortais mumificados adornados com desenhos que refletem a identidade e cultura de seu povo nos tempos antigos. Por conta da decomposição natural, a análise criteriosa desses desenhos fica prejudicada, e o uso de LSF pode ser a solução para esse problema.

Ainda na América Latina, observa-se que, assim como em outras civilizações pré-colombianas, a prática de tatuar o corpo também já existia no território que hoje chamamos Brasil, muito antes da chegada dos colonizadores europeus. Entre as populações indígenas, a marca no corpo é parte de rituais de passagem, aprendizagem e pertencimento, incorporando dimensões espirituais e sociais.

As funções da tatuagem variam de acordo com cada povo. Entre os Tupi-Guarani, por exemplo, a prática possui tanto um valor estético quanto um caráter totemista<sup>10</sup>,

<sup>10</sup> Totemismo é a crença nos tótemes, que são objetos, animais ou plantas cultuados como símbolos ou ancestrais de um grupo

vinculando o indivíduo ao grupo e a entidades espirituais protetoras. Em outros casos, a tatuagem serve como marca de distinção de gênero e status social. Para os Parecis, apenas os homens são tatuados; já entre Mundurucus, Carajás e Apicás, tanto homens quanto mulheres recebem tatuagens. Há ainda povos em que somente as mulheres são tatuadas, como os Aruaques da Guiana, Tapirapés e Mbaya. (Pereira, 2021).



Índia Mundurucú

Figura 12 – Mulher Munduruku. (AGASSIZ, L; AGASSIZ, E. 1938)

Os desenhos, as técnicas e os significados também se diferenciam regionalmente. Povos do Xingu, os Gê, os Juruna, os Camacan, entre outros, desenvolvem estilos próprios, muitas vezes associados à cosmovisão <sup>11</sup>de cada grupo e à relação com o território. Cada traço inscrito na pele representa não apenas um adorno, mas um elo de identidade, memória e espiritualidade. (Pereira, 2021)

A tatuagem, portanto, faz parte de um sistema simbólico complexo, anterior ao contato

---

<sup>11</sup> Cosmovisão (ou visão de mundo) é o conjunto de crenças, valores e concepções que moldam a maneira como um indivíduo ou grupo entende e interpreta a realidade, o universo e a vida em geral

com os europeus. Ela se articulava com outras práticas corporais como pintura, escarificação e perfuração, integrando o que Jeha (2019) chama de “mosaico de corpos marcados” que compõe a história visual do território brasileiro. Essas marcas não têm a função decorativa do olhar ocidental moderno, mas a função de narrar a história, ensinar e inscrever o indivíduo no corpo do grupo.

De modo semelhante ao que ocorre em outras regiões do continente americano, a ausência de corpos preservados ou registros materiais dificulta a reconstrução de uma linha do tempo precisa sobre as origens da tatuagem. Essa limitação arqueológica também é observada na América do Norte. “Embora a distribuição e a complexidade das tradições de tatuagem indiquem que essas práticas são anteriores ao século XV d.C. e à chegada dos europeus, a antiguidade da tatuagem norte-americana é mal compreendida.”

Em 1972 um artefato foi encontrado, mas permaneceu sem identificação até que quase 50 anos depois foi introduzido a um estudo que o identificou como um instrumento de tatuagem. O artefato foi encontrado ao sudeste de Utah, no sítio arqueológico Turkey Pen, “construído a partir de um caule de sumagre<sup>12</sup>, espinhos de cacto pera espinhosa<sup>13</sup> e tiras de folhas de iúca<sup>14</sup>”.

O artefato data de 79 a 130 d.C. durante o período Basketmaker II (foi um período cultural que ocorreu entre 1500 a.C. e 50 d.C), antecedendo a chegada dos europeus à América do Norte em mais de 1400 anos. Em 2019, quando o estudo foi publicado, este era o artefato mais antigo sobre a tatuagem indígena norte-americana que se tinha registro, e ainda tem papel fundamental na compreensão das dinâmicas dessa arte em tempos remotos, como diz em seu artigo Gillreath-Brown *et al.*(2019):

---

<sup>12</sup> Sumagre (em inglês: sumac e em francês: le sumac) é uma baga ou fruto de um arbusto com coloração que varia do vermelho tijolo para roxo escuro. Estas bagas são secas e moídas para serem utilizadas como tempero. Disponível em: <https://www.cozinhatecnica.com/2018/10/sumagre-sumac-temperos/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

<sup>13</sup> “Opuntia ficus-indica é uma espécie de cacto resistente e versátil, caracterizada por almofadas achatadas distintas adornadas com espinhos. Opuntia ficus-indica” NaturMed Scientific. Disponível em: <https://naturmedscientific.com/pt/product/prickly-pear-opuntia-ficus-indica/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

<sup>14</sup> Iúca é um gênero botânico pertencente à subfamília Agavoideae. Arbusto perene do gênero Yucca, com cerca de 40 espécies, nativa da América Central e do sul dos Estados Unidos. “Yucca.” Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Yucca>. Acesso em: 26 mar. 2025.

Eventos como a Transição Demográfica Neolítica<sup>15</sup> — que ocorre em muitos lugares ao redor do mundo — podem estar ligados a um aumento nas práticas de modificação corporal como marcadores sociais, como parece ser o caso do povo Basketmaker II no sudoeste dos Estados Unidos.

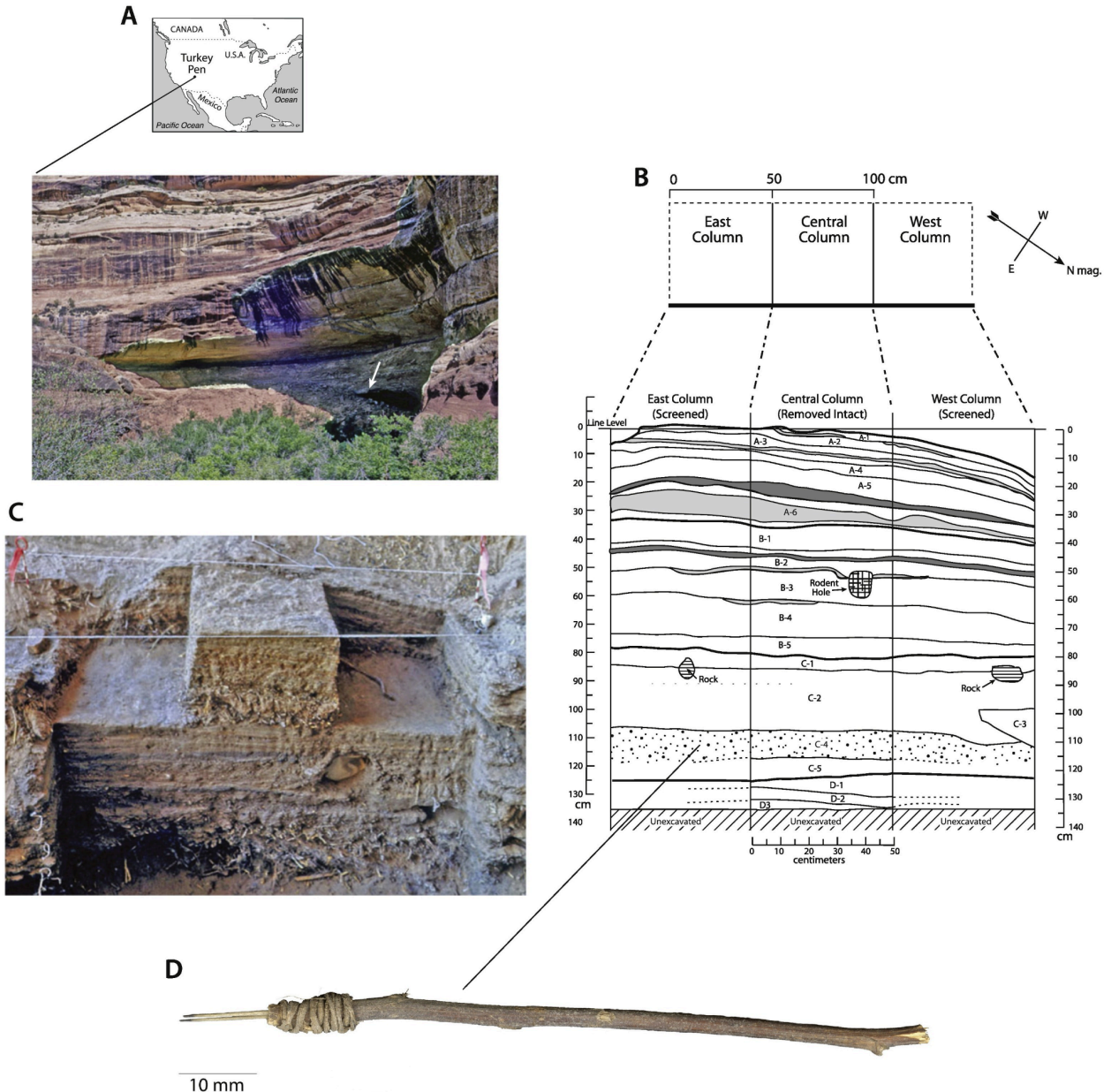


Figura 13 – Localização do sítio Turkey Pen e contexto arqueológico do instrumento de tatuagem.

<sup>15</sup> Revolução neolítica ou Transição Demográfica Neolítica, às vezes chamada de Revolução Agrícola, foi a transição em grande escala de muitas culturas humanas do estilo de vida de caçador-coletor e nômade para um agrícola e sedentário fixo, tornando possível uma população cada vez maior. THE NEOLITHIC Demographic Transition and Its Consequences. ResearchGate, [s. l.], 1 jan. 2008. DOI 10.1007/978-1-4020-8539-0. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279254859\\_The\\_Neolithic\\_Demographic\\_Transition\\_and\\_Its\\_Consequences](https://www.researchgate.net/publication/279254859_The_Neolithic_Demographic_Transition_and_Its_Consequences). Acesso em: 26 mar. 2025.

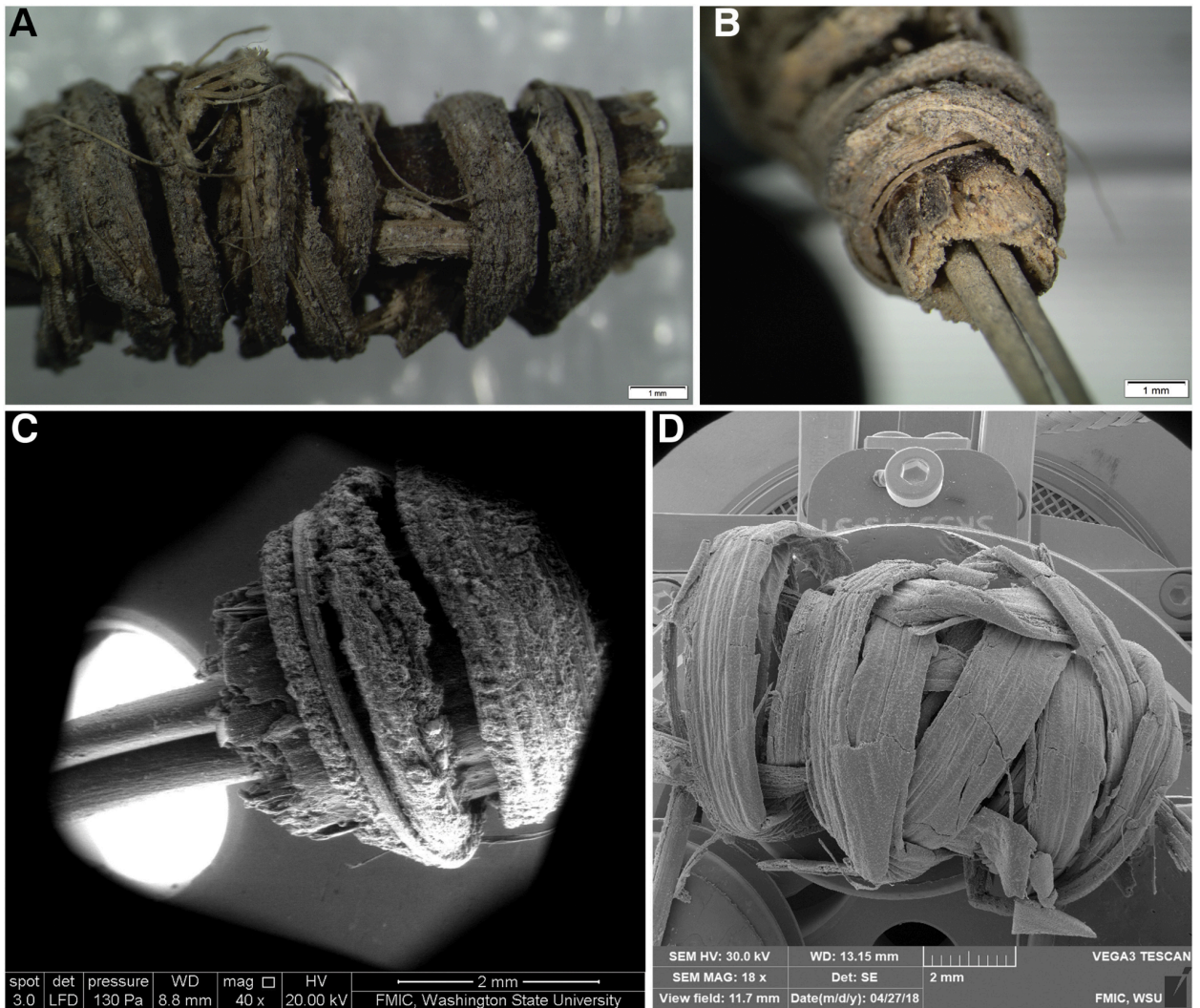


Figura 14 – Tiras de folhas de iúca no artefato de tatuagem Turkey Pen e na réplica do instrumento de tatuagem.

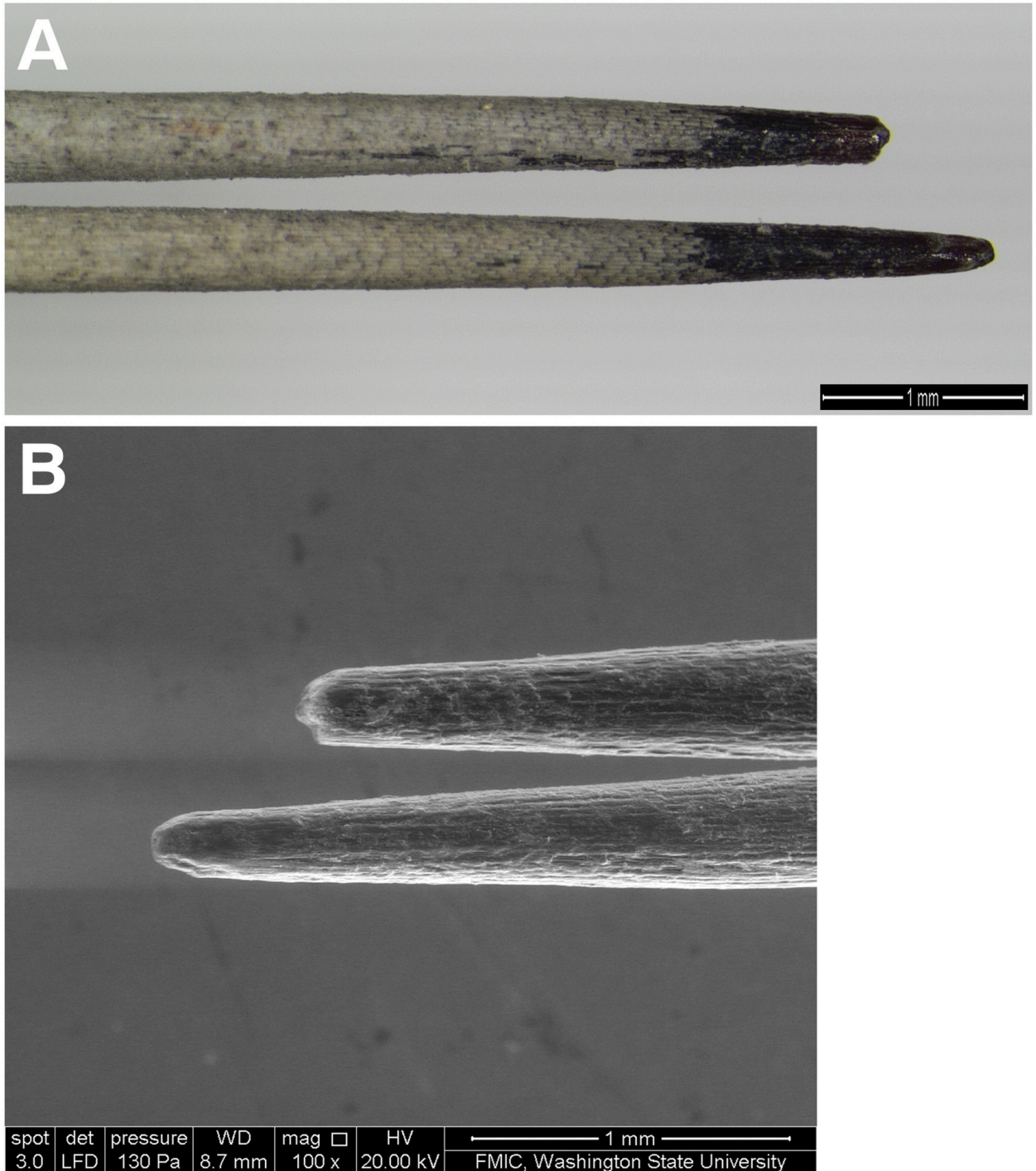


Figura 15 – Espinhos de cacto do artefato de tatuagem Turkey Pen.

Em um novo estudo, de 2021, Aaron Deter-Wolf encontraria o que viria a ser o elemento mais antigo da tatuagem dos indígenas norte-americanos e do mundo. O pesquisador e sua equipe encontraram um grupo de ferramentas de ossos no sítio Fernvale (uma antiga habitação e local mortuário de nativos americanos no centro do Tennessee), os artefatos são feitos de ossos de peru e datam de 3500–1600 a.C. Segundo Deter-Wolf; Peres (2021):

Padrões distintos de uso e desgaste identificados em dois dos tarsometatarso de peru afiados demonstram que esses artefatos foram usados para tatuar. O microdesgaste e a análise contextual de dois raios de peru associados sugerem que eles atuaram como aplicadores de pigmentos. O exame de resíduos de pigmentos com espectroscopia de fluorescência de raios X portátil (pXRF) nos permite descrever a composição de pigmentos de terra vermelha associados a esses artefatos. (Deter-Wolf; Peres, 2021. Tradução nossa)<sup>16</sup>



Figura 16 – Ossos de peru afiados encontrados no Feature 94/Burial 24 no sítio de Fernvale, Tennessee. A24. A25. A26 e A27.

<sup>16</sup> Distinctive use-wear patterns identified on two of the sharpened turkey tarsometatarsii demonstrate these artifacts were used to tattoo. Microwear and contextual analysis of two associated turkey radii suggests they acted as pigment applicators. Examination of pigment residues with portable X-ray fluorescence spectroscopy (pXRF) allows us to describe the composition of red earth pigments associated with these artifacts.



Figura 17 – Ossos de peru afiados encontrados no Feature 94/Burial 24 no sítio de Fernvale, Tennessee. A29.

Dentre os artefatos haviam restos mortais vertebrados e invertebrados e algumas indicações de pigmento ocre vermelho, e foi originalmente classificado apenas como um kit de ferramentas, sem nenhuma função específica. Foi com o estudo de Deter-Wolf que as ferramentas finalmente foram entendidas como peças utilizadas para tatuar.

#### 1.1.4 Oceania

Embora a Oceania seja o berço do termo “tatuagem<sup>17</sup>”, as evidências arqueológicas sobre essa prática na região são escassas. O clima quente e úmido não favorece a preservação de corpos por mumificação natural, o que dificulta a determinação de uma data precisa para a origem da tatuagem no continente. Em 2019, entretanto, foram descobertas ferramentas de tatuar confeccionadas em ossos humanos, semelhantes aos cartuchos atuais, datadas de aproximadamente 2,7 mil anos atrás.

Apesar de não se tratarem dos instrumentos mais antigos já identificados, o achado possui caráter excepcional, pois junto às ferramentas foi encontrado um pequeno recipiente que provavelmente continha tinta, configurando um raro kit de tatuador no registro arqueológico — o mais antigo desse tipo até hoje conhecido. Além disso, o uso

<sup>17</sup> A palavra "tatuagem" vem do termo polinésio "tatau", que se refere à prática de tatuar. O termo foi popularizado pelo navegador inglês James Cook, que desembarcou na Polinésia em 1769. CANAL-SOLER, Jordi. As tatuagens, a linguagem corporal dos polinésios. In: National Geographic Portugal. [S. l.], 8 mar. 2024. Disponível em: [https://www.nationalgeographic.pt/historia/tatuagens-linguagem-corporal-polinesios-pacifico\\_4758](https://www.nationalgeographic.pt/historia/tatuagens-linguagem-corporal-polinesios-pacifico_4758). Acesso em: 25 mar. 2025.

de ferramentas de osso permanece vivo em práticas tradicionais de tatuagem ainda realizadas em países da Oceania. (Clark; Langley, 2019).

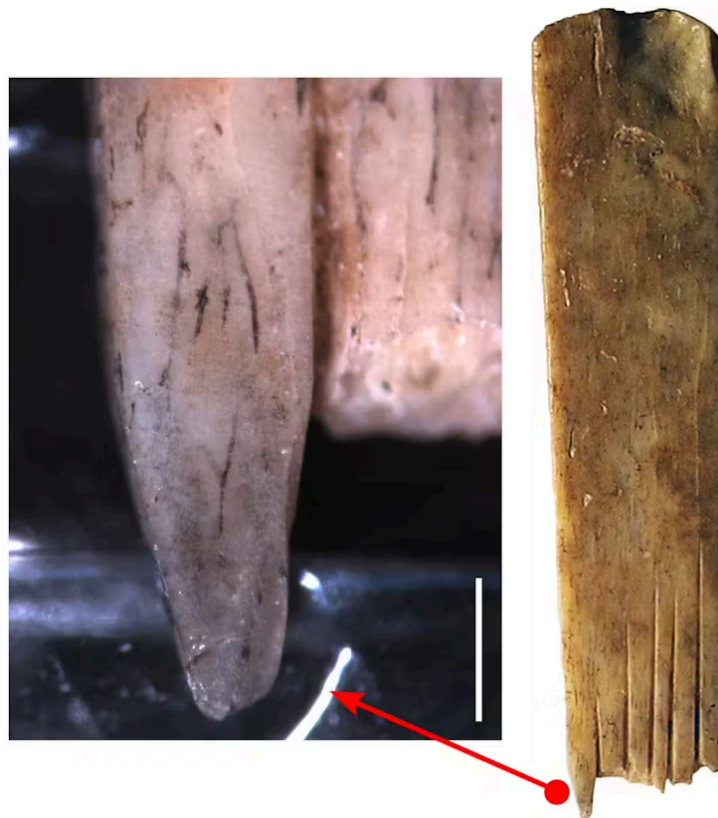


Figura 18 – Mancha de tinta em um dos “cartuchos” de osso humano.

### **Considerações sobre as origens da tatuagem**

Com todas essas evidências, fica claro que a tatuagem se consolidou em diversas sociedades e ao redor do mundo todo, assumindo funções e significados variados para cada povo. Sua evolução prosseguiu e encontramos evidências arqueológicas até mesmo em meados do século XVI. (Deter-Wolf, 2023) <sup>18</sup>

A seguir, será analisado o período entre o século XVI – que marca a última evidência arqueológica significativa relacionada à tatuagem – e a famosa viagem de James Cook à Oceania em 1769, que trouxe o contexto da tatuagem para o ocidente moderno. Esse período é crucial para entendermos os motivos que levaram a tatuagem a ser

<sup>18</sup> Em 2016, um grupo de pesquisadores criou uma base de dados que compila todos os restos mortais tatuados preservados do registro arqueológico. Dados como data, país, cultura, identificação e estudos sobre cada evidência foram organizados em uma tabela e são atualizados periodicamente conforme o andamento dos estudos. A última atualização foi em 2023 e o trecho cita essa versão. “Tattooed Human Mummies Database, Version 6.0. - (DETER-WOLF, AARON. 2023). Disponível em: [https://figshare.com/articles/dataset/Tattooed\\_Human\\_Mummies\\_List\\_Version\\_2\\_0/5738439/14?file=40629779](https://figshare.com/articles/dataset/Tattooed_Human_Mummies_List_Version_2_0/5738439/14?file=40629779)

marginalizada e, posteriormente, apagada dos livros de história e, conseqüentemente, do ensino da arte.

## 1.2 A TATUAGEM ANTES DE JAMES COOK E SUA MARGINALIZAÇÃO

Desde a última evidência arqueológica registrada até a “redescoberta” da tatuagem pelo capitão James Cook, passaram-se centenas de anos. Esse intervalo, que se estende do início do século XVI ao final do século XVIII, coincidiu com o contexto histórico, político e cultural profundamente marcado pela colonização europeia. Trata-se de um recorte temporal que abrange não somente a expansão territorial das potências colonizadoras, mas também a imposição de uma nova organização social, religiosa e epistemológica – fatores esses que impactaram profundamente as práticas culturais dos povos colonizados.

Para compreender a complexidade do impacto causado pela colonização em práticas culturais como a tatuagem, é necessário analisar além da narrativa de dominação territorial. A colonização não foi apenas um processo de expansão territorial, ela foi, sobretudo, um projeto brutal de apagamento cultural. O colonialismo reconfigurou o mundo à semelhança do Ocidente Europeu, de forma impositiva e violenta. Arrancou dos povos o direito de narrar sua existência, deslegitimou seus saberes e marcou suas histórias sob os preceitos da hierarquia racial, da moral da Igreja Católica e do capital.

Para discutir essa complexidade, é possível recorrer à noção de colonialidade, elaborada por autores como Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo e discutida por Elizabeth de Souza Oliveira e Marizete Lucini (2025) em seu artigo "O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência". Segundo as autoras, a colonialidade é o que resta do colonialismo após o fim formal da colonização: um sistema persistente que atua em diversas dimensões — do poder, do saber, do ser e da relação com a natureza.

O estudo fala de quatro aspectos. A colonialidade do poder refere-se à consolidação de um sistema capitalista e moderno centrado na Europa, que usa a ideia de raça para legitimar-se e legitimar a exploração e a subordinação dos povos. Já a colonialidade do saber, por sua vez, impõe o conhecimento eurocêntrico como única forma válida de racionalidade, desqualificando os saberes de demais povos. A colonialidade do ser trata do controle sobre as identidades e existências dos povos, negando aos sujeitos colonizados o direito de ser e de viver segundo suas próprias crenças, valores e modos de vida. Por fim, a colonialidade da natureza evidencia como a dominação da terra, dos

recursos naturais e territórios são apropriados e explorados como parte do processo colonial. (De Souza Oliveira; Lucini, 2021).

Ao aplicar esses conceitos à repressão histórica da tatuagem, observa-se que seu silenciamento não foi meramente uma consequência de julgamentos morais ou religiosos, mas um componente de uma estrutura mais abrangente de apagamento cultural. O projeto colonial, ao desqualificar expressões culturais gravadas nos corpos, como a tatuagem, estabeleceu normas sobre o que é considerado civilizado ou esteticamente aceitável. Assim, o corpo dos indivíduos colonizados se transformou em um território a ser conquistado, regulamentado, normatizado e desprovido de suas marcas identitárias. Segundo Aimé Césaire (1978), o colonialismo foi um processo de desumanização que não só escravizou corpos, mas também manipulou consciências e estabeleceu uma moral excludente. O pensamento ocidental, apoiado em um etnocentrismo profundamente enraizado na moral da Igreja, contribuiu para a barbarização das formas de vida dos povos subjugados, privando-lhes de dignidade, liberdade e o direito à diferença. (Césaire, 1978).

É importante destacar, ainda, que os efeitos da colonização não se limitaram aos territórios diretamente colonizados. A própria Europa, onde foi encontrada a mais antiga evidência arqueológica da tatuagem, passou a rejeitar a prática sob influência da moralidade da Igreja Católica. O colonialismo atuou como um processo de autonegação: a Europa apagou sua própria cultura ancestral em nome de uma identidade "civilizada" que ela mesma construiu. Antes da ascensão do cristianismo na Europa, a tatuagem era amplamente praticada em diversos povos europeus. Segundo Helena Goscilo em seu artigo "Texting the Body: Soviet Criminal Tattoos", escritos do historiador grego Heródoto, por volta de 450 a.c, indicam que entre povos como os citas<sup>19</sup> e os trácios<sup>20</sup>, a tatuagem era vista como uma marca da nobreza e sua ausência era associada à baixa posição social.

---

<sup>19</sup>Os Citas eram um povo nômade cuja cultura floresceu entre os séculos VII e III a.C. num território que abrangia desde a Trácia, no oeste, através das estepes da Ásia Central, até as Montanhas Altai, na Mongólia, a leste. ALBUQUERQUE, Ricardo. Citas. In: World History Encyclopedia.. [S. l.], 16 abr. 2021. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-645/citas/#:~:text=Quem%20eram%20os%20Citas?,os%20elementos%20de%20maneira%20antropomorfizada>. Acesso em: 8 ago. 2025.

<sup>20</sup> Foi um povo hindu-europeu que habitava a Trácia, Bulgária, Romênia, Moldávia, nordeste da Grécia, Turquia, leste da Sérvia e partes da Macedônia. Viviam em tribos e eram considerados como o povo mais numeroso do mundo conhecido. SOUSA, Rainer Gonçalves. Os Trácios. In: História do Mundo. [S. l.], 6 fev. 2007. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/os-tracios.htm>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Com a ascensão do cristianismo e sua consolidação como religião oficial do Império Romano sob o reinado de Constantino (306-373 d.C) a tatuagem passou a ser condenada. A nova doutrina defendia que o corpo era um templo divino, e qualquer modificação realizada seria profanação. A Igreja Católica e, posteriormente, as igrejas protestantes viam a modificação corporal como algo pecaminoso, ligado a práticas pagãs.

Eles pautavam seu discurso nas interpretações que faziam dos versículos bíblicos que falam sobre marcar o corpo, como Levítico 19:28, que estabelece: “Não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos, nem fareis marca alguma sobre vós.” Conforme Silva (2019):

Entretanto, muitas dessas questões podem ser amenizadas com uma interpretação que busque entender o meio sócio-histórico-cultural de um dos textos mais utilizados pelos que querem justificar sua contrariedade à prática da tatuagem, Levítico 19.28. Nossa abordagem mostrou que o texto em questão não quer a proibição da tatuagem em si, pois o contexto diz respeito a questões fúnebres. Assim, o que se quer é evitar as práticas e atos culturais e religiosos de outros povos que não condiz com a cosmovisão do povo hebreu.

Há estudos que analisam, até hoje, as contradições da Igreja em relação à prática da tatuagem, e com isso, a interpretação mais adequada para o versículo em questão. (Silva, 2019)

No final do século VIII, em 787 d.C o Papa Adriano I proibiu a prática da tatuagem, que passou a ser considerada um ato pagão. Esse decreto, apoiado nos Concílios da Igreja, buscava extinguir práticas consideradas heréticas ou pagãs, associadas a rituais não cristãos. Essa condenação formal influenciou o imaginário ocidental sobre os corpos tatuados, consolidando a tatuagem como algo impuro ou desviante. (Silva, 2019)

Ainda que os discursos oficiais da Igreja tenham condenado a tatuagem com base em interpretações literais de textos como Levítico 19:28, o próprio cristianismo não foi unânime em sua rejeição. Um exemplo significativo disso são os cristãos coptas<sup>21</sup>, no Egito, que utilizam a tatuagem como ato de fé, identidade e resistência. Entre os

---

<sup>21</sup> cristãos que pertencem à Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, a maior igreja cristã do Oriente Médio. O termo "copta" significa "egípcio" e é usado para designar os cristãos desde o século I.

cristãos coptas, a tatuagem, especialmente da cruz no pulso, é uma prática tradicional que expressa identidade étnico-religiosa e confissão pública de fé. Essa prática surgiu em um contexto de perseguição religiosa, após a expansão islâmica, quando os coptas passaram a ser discriminados no Egito. (Silva, 2019)

A imagem da cruz, tatuada no corpo, muitas vezes realizada ainda na infância, tornou-se um símbolo de pertencimento a essa comunidade, uma lembrança visível da fé e uma forma de resistir às adversidades sociais e políticas. Além disso, a tatuagem também adquire caráter espiritual, sendo vista como uma proteção e lembrança das bênçãos recebidas. Apesar do declínio da prática em centros urbanos, ela continua presente entre os coptas das áreas rurais e carrega forte valor cultural e religioso. Assim, mesmo diante da marginalização institucionalizada, a tatuagem continuou a ser usada como linguagem espiritual, revelando as contradições e as disputas internas no seio do próprio cristianismo. (Silva, 2019)

Além do processo colonizatório e da influência religiosa, a prática de demarcar os prisioneiros com tatuagens, realizada em diversas sociedades durante os séculos XVIII e XIX, resultou na associação entre ambos, e conseqüentemente, contribuiu para a marginalização da tatuagem. Em seu artigo “Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma”, os autores Michelle Larissa Zini Lise, Gabriel José Chittó Gauer e Alfredo Cataldo Neto discorrem sobre as diversas funções da tatuagem ao longo do tempo, e as possíveis razões que levaram a prática a marginalização.

Durante o século XIX, por exemplo, prisioneiros norte-americanos, desertores do exército britânico, escravizados fugitivos na França e no Brasil, bem como detentos em prisões siberianas, foram marcados com símbolos que os identificavam. No nazismo, os campos de concentração tatuavam códigos numéricos nos antebraços dos prisioneiros, reduzindo vidas humanas à condição de número. No Japão do período Tokugawa, a tatuagem penal era aplicada no rosto ou no braço dos condenados, marcando-os socialmente de forma permanente. (Lise *et al.*, 2013).

No Brasil, essa associação foi igualmente forte. Estudos realizados no início do século XX já apontavam a presença de tatuagens entre detentos como um dado estatístico relevante, o que alimentou a ideia de que a tatuagem era um marcador do “tipo

criminoso”. Entretanto, pesquisas como as de Elysio de Carvalho (1906-1908) mostravam que a maior parte dos presos tatuados eram analfabetos e trabalhadores de baixa renda — o que indica que a tatuagem estava mais ligada à origem social do indivíduo do que ao crime em si. (Lise *et al.*, 2013).

Ainda hoje, nas penitenciárias, a tatuagem assume um papel comunicativo. Ela marca alianças, facções, crimes cometidos e histórias pessoais. Como apontam Lise *et al.* (2013), os próprios presos se tatuam como forma de construir identidade e estabelecer posições dentro do sistema prisional. Os desenhos carregam significados específicos: uma cruz com velas pode indicar alta periculosidade, pontos em estrela indicam homicidas, e outros desenhos marcam envolvimento com tráfico, roubo, ou até crimes sexuais. A tatuagem nesse contexto não é decorativa, mas sim linguagem simbólica, código interno, ferramenta de pertencimento e distinção. (Lise *et al.*, 2013).

Assim, ao longo da história ocidental, o uso da tatuagem em prisões e sua associação com criminosos contribuíram para reforçar o estigma de que tatuar-se seria um ato de desvio e rebeldia. Esse imaginário, construído ao longo dos séculos, ainda ecoa na sociedade contemporânea, mesmo com a crescente popularização da prática.

Dessa forma, não se pode tentar compreender a marginalização da tatuagem de forma isolada, mas sim como parte de um grande projeto de dominação e apagamento cultural. A repressão, motivada pelos fatores apresentados, transformou uma linguagem ancestral em símbolo de criminalidade e inferioridade. E essa marginalização consolidou estigmas que perduram por séculos. No entanto, a partir do final do século XVIII, com os relatos de viagem do capitão James Cook e seu contato com culturas polinésias, a tatuagem é “redescoberta” pelo Ocidente, que inicia o processo de reconstrução simbólica da tatuagem, marcado por apropriações, ressignificações e exploração da cultura. É sobre esse processo que se debruça o próximo capítulo.

### 1.3 O RESGATE DA TATUAGEM: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA TATUAGEM MODERNA

Em 1769, o capitão James Cook ancorava no Taiti, dando início a uma série de expedições pelo Pacífico Sul que resultariam em extensos relatos etnográficos. Em seus diversos diários de bordo, Cook e seus companheiros de viagem, como Joseph Banks, descreveram com riqueza de detalhes os costumes dos povos locais, incluindo a prática da tatuagem (ou "tattaowing", como transliteraram o termo nativo). Esses registros, embora marcados por uma perspectiva eurocêntrica, se tornaram fontes históricas valiosas sobre as formas, os instrumentos, os significados e o sofrimento físico associados à tatuagem nas culturas polinésias do século XVIII. Segundo Lise *et al.* (2013):

O termo inglês tattoo foi introduzido na Europa pelo explorador inglês, James Cook, quando do seu retorno, em julho de 1769. Com o tempo, foi traduzido para outras línguas: tattowierung, em alemão; tatuaggio, em italiano; tatouage, em francês; tattooing, no inglês moderno; e tatuagem, em português

Durante suas viagens pelo Pacífico, o capitão e sua tripulação registraram com atenção a prática da tatuagem entre os povos polinésios, especialmente no Taiti. No Volume I de "The Voyages of Captain James Cook", há a descrição de como os corpos eram marcados com um pequeno instrumento de osso embebido em uma tinta feita com óleo das cinzas de nozes queimadas. A prática era extremamente dolorosa, resultando em marcas indeléveis e era geralmente realizada em jovens por volta dos dez ou doze anos.

No Volume II, Cook aprofunda seu olhar ao relatar a organização da sociedade dos Areois, na qual cada classe era identificada por um padrão específico de tatuagem — como pernas inteiramente negras, braços cobertos, ou pequenos círculos nos tornozelos — marcando visualmente a hierarquia social do grupo.

Já na obra *The Three Voyages of Captain James Cook Round the World*, observa-se uma ênfase ainda maior nos instrumentos utilizados (feitos de osso ou concha com pontas afiadas), na técnica — que envolvia picadas rápidas com um bastão (similar a técnica de handpoke<sup>22</sup>) — e na dor intensa suportada durante o processo.

---

<sup>22</sup> As tatuagens feitas à mão são feitas sem máquina. Em vez disso, uma agulha de tatuagem é mergulhada na tinta e, em seguida, inserida na pele ponto por ponto. COATES, Emily. *The Ultimate Guide to Hand Poke Tattoos*. In: *Stories & Ink*. [S. l.], 23 fev. 2023. Disponível em: <https://www.storiesandink.com/blogs/journal/hand-poke-tattoo>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Esses registros, embora marcados por um olhar europeu, revelam a profundidade simbólica, estética e social da tatuagem entre os povos do Pacífico, que a utilizavam como forma de expressão identitária, resistência física e pertencimento coletivo.

Esse encontro, entretanto, não representou apenas um choque entre culturas. Ao ser introduzida novamente no imaginário europeu, a tatuagem passou a circular em contextos muito diferentes daqueles em que havia sido observada por Cook. Se nas sociedades polinésias ela carregava significados espirituais, hierárquicos e estéticos, no Ocidente moderno foi rapidamente marginalizada e associada a práticas criminosas.

A visão europeia, marcada pelo colonialismo e pelo etnocentrismo, tratou de apagar os sentidos originais da tatuagem, reduzindo-a a uma prática exótica ou a um indício de selvageria. Essa mudança simbólica se intensificou no século XIX, quando a tatuagem passou a ser comum entre marinheiros, soldados, prisioneiros e outros grupos sociais à margem da sociedade. A tatuagem, então, deixou de ser vista como forma de pertencimento e passou a ser lida como sinal de desvio. Médicos, criminologistas e antropólogos europeus passaram a estudá-la como sintoma físico da criminalidade ou da degeneração moral. Nessa nova narrativa, o corpo tatuado não era mais corpo sagrado ou cerimonial, mas um corpo que apresentava perigo, marcado pela transgressão e pela ameaça à ordem. (Lise *et al.*, 2013).

Ao mesmo tempo, a palavra “tattoo”, derivada do termo taitiano “tatau”, foi apropriada pela língua inglesa e difundida na Europa e nos Estados Unidos, o que mostra como o Ocidente “resgatou” a prática, mas esvaziando-a de seu sentido original e reconfigurando-a sob sua própria ótica eurocêntrica. Essa nova narrativa não apenas moldou a percepção da tatuagem por séculos, como também contribuiu para sua exclusão dos espaços legitimados da arte e da cultura formal.

### **1.3.1 Estigmas persistentes e moralidade moderna**

Perpetuando o olhar colonizador, a tatuagem passou a ser reinterpretada por instituições ocidentais sob lentes patologizantes e moralistas. Ao longo do século XIX, médicos, criminologistas e instituições religiosas reforçaram uma visão negativa da prática, atribuindo ao corpo tatuado características de desvio, degeneração moral ou

rebeldia.

A medicina e a criminologia do século XIX — com destaque para o pensamento de Cesare Lombroso — passaram a interpretar a tatuagem como um indício físico de criminalidade ou inferioridade biológica. Em sua obra *O Homem Delinquente* (1876), Lombroso associava tatuagens à atipia moral e à predisposição criminal, influenciando profundamente o pensamento penal e médico-legal da época. Em sua obra, Lombroso desenvolveu a teoria do “criminoso nato”, segundo a qual determinados indivíduos apresentariam características físicas e comportamentais que os predestinariam ao crime. A tatuagem, nesse contexto, era compreendida como um sintoma visível de anomalia moral e degeneração psíquica. Segundo ele, os tatuados revelariam impulsividade, agressividade, instabilidade emocional e tendência ao vício, sendo assim identificados como sujeitos desviantes da norma civilizatória. Segundo Lombroso (2007):

Uma das características mais singulares do homem primitivo ou em estado de selvageria é a frequência em que se sobrepõe a esta, antes cirúrgica do que estética, operação que recebeu exatamente de uma língua oceânica, o nome de tatuagem.

Essa leitura se espalhou por toda a Europa, influenciando políticas penais e mecanismos de vigilância. Hospitais, escolas, quartéis e instituições religiosas passaram a reforçar a rejeição à tatuagem, associando-a à impureza, à promiscuidade ou à indisciplina. Os corpos tatuados passaram a ser observados como delinquentes ou sem moral, tornando-se alvo da exclusão, preconceito, censura e violência.

Essa lógica se insere no contexto mais amplo do higienismo do século XIX, que visava normatizar os corpos e os comportamentos a partir de uma ideia de moral alinhada às ideologias burguesas. O corpo ideal deveria ser limpo, controlado, previsível — e, sobretudo, legível pelas instituições. A tatuagem, como marca permanente e autoimposta, representava uma violação desse ideal, um corpo “escrito” fora da norma, indomado e resistente à padronização.

Ao longo do século XIX, portanto, consolidou-se uma visão unificada — ainda que infundada — de que o corpo tatuado era um corpo transgressor, perigoso ou corrompido. Tal construção simbólica não apenas sustentou o afastamento da tatuagem dos espaços de arte e cultura legitimada, como também influenciou, por décadas, sua percepção no imaginário coletivo ocidental.

### 1.3.2 A tatuagem no Ocidente entre os séculos XIX e XX

Mesmo diante dessa repressão institucional e dos estigmas morais, a tatuagem se disseminou entre grupos à margem da sociedade dominante. A prática foi introduzida na sociedade da Europa Ocidental Moderna pelos marinheiros e viajantes do século XVIII. Posteriormente, no século XIX, a tatuagem começou a se difundir em novas camadas sociais do Ocidente, sobretudo entre os setores marginalizados, como soldados, meretrizes e presidiários. Essa circulação significou sua consolidação como marca de marginalidade, resistência e identidade de grupos à margem da sociedade dominante. (Pérez, 2006)

Em torno de 1846 surgiram os primeiros estúdios, na cidade de Nova Iorque e em alguns locais da Europa. Por conta da marginalização muita informação foi perdida, o que compromete a linearidade do registro da história da tatuagem. Esses primeiros estúdios comerciais eram bem rudimentares, de forma improvisada, a biossegurança não era uma preocupação. Foi nesse contexto que a técnica da tatuagem sofreu uma transformação. Em 1891, o norte-americano Samuel O'Reilly patenteou a primeira máquina elétrica de tatuar, adaptando o mecanismo de um projeto de Thomas Edison, a caneta de impressão autográfica. (Lima, 2020)



Figura 19 – Exemplar do projeto de Thomas Edison. Fonte: Tatuagem: história e contemporaneidade de Rodrigo Muniz de Souza Lima. Publicado em Repositório da Universidade de Lisboa.

E em 1904 seu aprendiz, Charles Wagner patenteou a versão melhorada que criou a partir da versão de O'Reilly. Essa invenção marcou uma mudança profunda na maneira de tatuar: a prática, antes artesanal e demorada, tornou-se mais ágil e precisa.

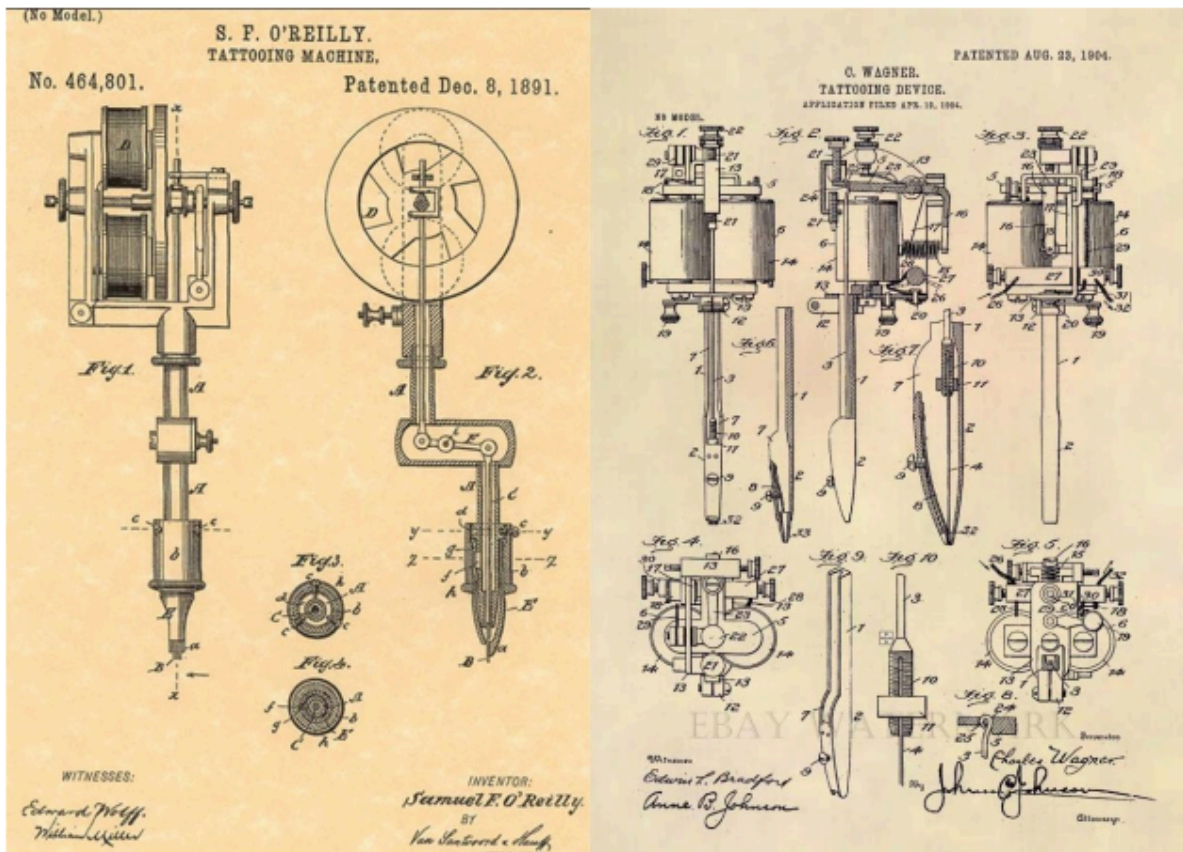


Figura 20 – Os projetos de O'Reilly e Charles Wagner. Fonte: Tatuagem: história e contemporaneidade de Rodrigo Muniz de Souza Lima. Publicado em Repositório da Universidade de Lisboa.

Nos estúdios, de forma geral localizados em áreas portuárias, marinheiros se tatuavam como forma de marcar suas rotas, identidades e afetos, como âncoras, corações com nomes, bandeiras ou datas. Esse conjunto de símbolos consolidou o estilo conhecido como old school, caracterizado por linhas fortes, cores sólidas e ícones facilmente reconhecíveis. Artistas como Sailor Jerry (Norman Collins) foram fundamentais na construção dessa estética. (Lima, 2020)

A tatuagem moderna chegou ao Brasil no século XIX justamente por meio de marinheiros europeus que desembarcavam nos portos. Essas figuras foram grandes disseminadores da prática. O marco da tatuagem contemporânea, porém, ocorre em 1959, com a chegada do dinamarquês Knud Harold Lykke Gregersen, o Lucky Tattoo, ao porto de Santos. Seguindo a tradição marítima europeia, ele foi o primeiro a abrir um estúdio profissional no Brasil, introduzindo a máquina elétrica de tatuar e pigmentos coloridos. (Pereira, 2021)

Apesar da ampliação da prática, ao longo do século XX, a tatuagem continuaria a ser associada à rebeldia, à contracultura e ao não pertencimento, o que reforçou os

estigmas históricos construídos desde o século anterior. Ainda assim, a prática resistiu, adaptando-se aos espaços possíveis e reinventando sua linguagem visual a partir das margens.

O que se observa, portanto, é que o “resgate” da tatuagem no Ocidente não representou um resgate fiel de seus sentidos ancestrais. Pelo contrário, a prática foi apropriada sob uma lógica colonialista, convertida em marca exótica, renegada à marginalidade e associada ao desvio por séculos.

Ainda que tenha se difundido amplamente entre diferentes grupos sociais, a tatuagem permaneceu marcada por estigmas. Apenas mais recentemente começa a se delinear uma mudança de perspectiva, em que a tatuagem deixa de ser vista exclusivamente como sinal de rebeldia ou desvio, e passa a disputar espaço no campo da linguagem visual e da arte — discussão que será aprofundada a seguir.

### **1.3.3 A tatuagem como arte**

A tatuagem, durante séculos marcada por estigmas sociais, passou a ser ressignificada a partir da segunda metade do século XX, quando começou a se consolidar como linguagem artística. Como observa Le Breton (2004), “o tatuador é certamente um artesão, um comerciante, mas sobretudo um artista do corpo dos outros”. Essa mudança de perspectiva insere a prática em um campo de disputas simbólicas, no qual o corpo deixa de ser apenas suporte social e passa a ser compreendido como espaço de criação estética.

Na década de 1960, o que diversos autores chamam de “renascença” da tatuagem marcou o início de uma transformação importante. Jovens com formação em artes visuais migraram para a prática, valorizando não apenas o ofício técnico, mas também a possibilidade de expressão criativa. A produção deixava de ser padronizada para assumir caráter individualizado, em diálogo com as artes plásticas (Sad, 2016). Entre os nomes centrais desse movimento estão Norman “Sailor Jerry” Collins e Don Ed Hardy, cuja formação no Instituto de Arte de São Francisco o levou a aproximar a tatuagem de linguagens artísticas eruditas, como a tradição japonesa. Hardy não apenas expandiu técnicas e estilos, mas também atuou como organizador de convenções e publicações, colaborando para a difusão da tatuagem como forma de arte. (Sad, 2016).

Nesse período, as convenções internacionais também desempenharam papel fundamental. A primeira, em 1976 no Texas, seguida por outra em Nevada no ano seguinte, possibilitou o diálogo de estilos e técnicas, como o pontilhismo, que se somou às influências da arte ocidental e oriental. Artistas passaram a buscar inspiração em nomes como Michelangelo, Da Vinci, Van Gogh, Mondrian, Miró e Picasso, além de referências da cultura pop, do cinema e dos quadrinhos. Essa abertura consolidou a tatuagem como campo fértil de criação, em diálogo direto com a arte contemporânea. (Gusso, 2016).

A aproximação ocorreu sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980, quando museus e galerias passaram a exibir obras relacionadas à tatuagem. A exposição no Museum of Folk Art de Nova York, em 1972, buscava libertar a prática de seu estigma underground, enquanto a mostra *Tatouages*, em 1977, no Centro Georges Pompidou em Paris, obteve grande repercussão internacional. Nos anos 1990, Hardy organizou exposições como *Rocks of Ages*, em 1992, e *Pierced Hearts and True Love*, em 1995, que reuniam obras inspiradas na tatuagem em galerias de prestígio, recebendo inclusive críticas positivas em veículos como o *New York Times* e a revista *Artforum*. Tais iniciativas reforçaram o processo de legitimação da tatuagem como manifestação artística. (Gusso, 2016).

No Brasil, destacam-se o Museu da Tatuagem (2004), idealizado por Polaco, e exposições como Museu Tattoo Brasil (2013). A exposição “Arte da Alma – História da Tatuagem no Brasil”, realizada em 2023 no Farol Santander São Paulo e apresentada pelo Ministério da Cultura em parceria com o Santander Brasil, exemplifica esse movimento ao transpor a tatuagem do corpo para o espaço museal. Com curadoria de Antonio Curti (AYA STUDIO), a mostra reuniu mais de duzentos itens entre registros fotográficos, objetos, instrumentos, documentos históricos e obras de artistas tatuadores de diferentes gerações, traçando um panorama da tatuagem desde suas origens indígenas e populares até sua consolidação como expressão artística contemporânea. Ao ocupar o museu com imagens, sons e narrativas ligadas à pele, a exposição revelou o potencial da tatuagem de ultrapassar fronteiras simbólicas, transitando entre o íntimo e o público, entre o corpo e o museu, reafirmando sua relevância cultural e estética na história da arte brasileira.



Figura 21 – Vista parcial da exposição Arte da Alma: História da Tatuagem no Brasil, com retratos de pessoas tatuadas e moldes de corpos sintéticos tatuados. Crédito: Mariana Marão / Divulgação Santander Brasil.



Figura 22 – Escultura sintética de perna tatuada exposta na mostra Arte da Alma: História da Tatuagem no Brasil. As peças tridimensionais reproduzem técnicas, estilos e simbologias da tatuagem brasileira. Crédito: Mariana Marão / Divulgação Santander Brasil.

De acordo com Pereira (2021), o reconhecimento da tatuagem como arte é resultado de um processo histórico que envolve transformações tanto no campo artístico quanto na própria prática da tatuagem. De um lado, a arte passou a questionar suas fronteiras e a incorporar novas linguagens, suportes e materiais — inclusive o corpo — como espaços legítimos de criação estética. De outro, a tatuagem evoluiu técnica e simbolicamente, distanciando-se de estigmas de marginalidade e aproximando-se de valores artísticos, impulsionada pelo aprimoramento das técnicas, pela definição de estilos e pela visibilidade conquistada em exposições, publicações e diálogos com outras formas de arte. Assim, sua “artificalização” decorre da convergência entre a expansão do conceito de arte e a consolidação da tatuagem como expressão estética e autoral na contemporaneidade.

Dessa forma, a tatuagem percorreu um caminho que vai da marginalização à legitimação, transformando-se em manifestação artística reconhecida. Hoje, inserida no

campo da arte contemporânea, a tatuagem não apenas rompe fronteiras entre arte erudita e popular, mas também abre espaço para novas possibilidades de reflexão sobre o ensino da arte. A compreensão da tatuagem como linguagem artística amplia o repertório de referências visuais e culturais a serem trabalhadas em sala de aula, indicando que sua presença no contexto educacional pode contribuir para questionar hierarquias estéticas, valorizar expressões plurais e aproximar o ensino de arte da realidade dos estudantes. Assim, a análise de sua trajetória histórica e artística constitui um ponto de partida para discutir, a seguir, as relações entre tatuagem e educação formal.

## **2 ENSINO DA ARTE E TATUAGEM**

A compreensão da tatuagem como linguagem artística, discutida no capítulo anterior, abre caminho para refletir sobre sua presença no espaço escolar. Se a arte, no contexto contemporâneo, incorpora práticas diversas e questiona fronteiras tradicionais, o ensino de arte também precisa acompanhar essas transformações. Nesse sentido, torna-se necessário analisar como a educação brasileira tem estruturado a área de artes visuais, quais abordagens pedagógicas orientam a prática docente e de que maneira experiências culturais, como a tatuagem, podem dialogar com a formação estética e crítica dos estudantes.

### **2.1 DOCUMENTOS CURRICULARES NACIONAIS**

O ensino de Arte na Educação Básica brasileira é orientado por um conjunto de normas e documentos oficiais que estabelecem finalidades, diretrizes e parâmetros para a organização curricular e para a formação docente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996) assegura a obrigatoriedade do ensino de Arte como componente curricular da Educação Básica, constituindo o marco legal para a elaboração das políticas educacionais nos âmbitos federal, estadual e municipal.

Historicamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) representaram um avanço ao sistematizar o ensino de Arte no Ensino Fundamental, ao propor a articulação entre produção, fruição e contextualização como eixos estruturantes da aprendizagem artística. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), por sua vez, consolidaram normas obrigatórias para a Educação Básica, reafirmando a arte como campo de conhecimento, prática social e experiência sensível, além de enfatizarem o papel da escola na ampliação do repertório cultural e estético dos estudantes.

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em consonância formal com a LDB, passou a orientar os currículos da Educação Básica em todo o país. No que se refere ao componente Arte, a BNCC organiza o ensino a partir de quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro; e propõe seis dimensões formativas: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão. Embora o documento reconheça que as manifestações artísticas não se restringem às produções

legitimadas por instituições culturais, sua estrutura normativa apresenta limites significativos para a efetivação de um ensino de Arte crítico, processual e aprofundado.

Apesar de seu caráter orientador, a BNCC contribui para o enfraquecimento do ensino de Artes Visuais ao diluir a área de Arte no campo mais amplo das Linguagens, reduzindo sua autonomia enquanto componente curricular específico. Além disso, a reorganização curricular proposta pelo documento tem resultado, na prática, na diminuição da carga horária destinada à Arte, comprometendo o desenvolvimento de processos criativos contínuos e aprofundados (IAVELBERG, 2014; SUBTIL, 2011).

Outro aspecto crítico refere-se à tendência de priorização de resultados e habilidades mensuráveis em detrimento do processo artístico, da experimentação e da investigação poética. Tal orientação aproxima o ensino de Arte de uma lógica quantitativa, enfraquecendo sua dimensão sensível, crítica e formativa. Como destacam Subtil (2011) e Iavelberg (2014), concepções hegemônicas, associadas a condicionantes institucionais como a formação docente, a escassez de recursos e a hierarquização dos saberes escolares, historicamente limitaram o reconhecimento de práticas culturais que escapam ao cânone artístico tradicional.

Nesse contexto, embora os documentos curriculares nacionais apresentem embasamento conceitual para a valorização da diversidade cultural, a efetivação dessas propostas encontra obstáculos estruturais e simbólicos. Expressões artísticas como a tatuagem, frequentemente associadas a preconceitos sociais e a saberes corporais não legitimados, permanecem à margem do currículo escolar, não por impedimentos legais explícitos, mas por resistências históricas e institucionais.

A trajetória do ensino de Arte no Brasil evidencia disputas políticas e conceituais em torno do que é considerado conhecimento válido. Desde o ensino de Desenho de matriz neoclássica, passando pela polivalência instaurada pela Lei nº 5.692/1971, que reduziu a arte a práticas de livre expressão desvinculadas de fundamentos históricos e estéticos, observa-se um constante esvaziamento da área. Como afirma Barbosa (2012), a arte-educação tem lutado para se afirmar como campo de conhecimento legítimo, enfrentando modelos curriculares que restringem a pluralidade de linguagens e experiências artísticas.

Dessa forma, embora a BNCC reconheça formalmente a diversidade cultural, suas diretrizes contribuem para a manutenção de um ensino de Arte fragilizado, no qual linguagens contemporâneas e práticas historicamente marginalizadas permanecem pouco exploradas. É nesse cenário que a tatuagem se apresenta não apenas como conteúdo possível, mas como estratégia de resistência pedagógica frente ao esvaziamento do ensino de Artes Visuais na Educação Básica.

## **2.2 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS**

Diante do contexto de enfraquecimento do ensino de Arte evidenciado pelas diretrizes curriculares atuais, especialmente pela BNCC, torna-se necessário pensar abordagens pedagógicas que resistam à lógica de redução da arte a produtos, competências instrumentais ou atividades periféricas no currículo escolar. Nesse sentido, a inserção da tatuagem como linguagem artística configura-se como uma possibilidade de ampliação crítica do ensino de Artes Visuais, ao recolocar o processo, a experiência estética e a autoria no centro da prática pedagógica.

As abordagens pedagógicas contemporâneas para o ensino de Arte devem priorizar o processo criativo, a reflexão crítica e o diálogo com a diversidade cultural. A tatuagem, quando trabalhada como linguagem artística, pode ser integrada a metodologias que valorizem a investigação, a contextualização social e a produção autoral. Destacam-se, nesse contexto, a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa e as metodologias processuais propostas por De Menezes (2016) e Prosser (2012), que se contrapõem à lógica de ensino baseada exclusivamente em resultados finais.

A abordagem triangular articula os eixos de produção, apreciação e contextualização, permitindo que o estudante compreenda a arte como prática cultural, experiência sensível e construção histórica. Aplicada à tatuagem, essa abordagem possibilita o desenvolvimento de projetos visuais autorais, a análise de significados simbólicos e a compreensão do corpo como suporte artístico e território de expressão identitária. Essa perspectiva amplia o repertório de linguagens visuais trabalhadas na escola e fortalece a relação entre arte, cultura e vivência cotidiana.

A pedagogia da arte contemporânea, conforme De Menezes (2016), enfatiza a experimentação, o erro como parte do processo criativo e a valorização de poéticas plurais. Tal concepção dialoga diretamente com a prática da tatuagem contemporânea,

marcada pela pesquisa visual, pela circulação de referências e pela autoria. Prosser (2012) reforça que o ensino de Arte deve privilegiar a reflexão crítica e a contextualização cultural, substituindo avaliações meramente técnicas por análises processuais do desenvolvimento artístico dos estudantes.

No contexto escolar, o ensino da tatuagem pode envolver estudos históricos e culturais, leitura de imagens, análise estética de estilos e simbologias, criação de projetos gráficos adaptados ao corpo e reflexão sobre questões éticas e legais. As atividades podem incluir desenhos autorais, experimentações com estêncil, simulações em suportes alternativos e registros em cadernos de artista, fotografias ou vídeos. Ressalta-se que o objetivo não é a reprodução da técnica profissional da tatuagem, mas sua compreensão como linguagem visual e prática cultural.

Assim, ao invés de reforçar a lógica de esvaziamento do ensino de Arte, a abordagem da tatuagem como linguagem artística revela-se uma possibilidade de resistência frente às limitações impostas pelas diretrizes curriculares contemporâneas. Ao recolocar o corpo, o processo e a experiência estética no centro do ensino, essa proposta contribui para a construção de uma educação artística mais crítica, plural e conectada às vivências culturais dos estudantes.

Contudo, a incorporação da tatuagem no ambiente escolar exige cuidados éticos e metodológicos. A formação docente é um ponto central: o professor deve estar preparado para mediar discussões sobre corpo, identidade e cultura com responsabilidade e sensibilidade, evitando interpretações estigmatizantes. Além disso, é necessário observar os limites legais e de biossegurança, principalmente quando houver contato com práticas técnicas, que devem ser apenas demonstrativas ou simuladas. A presença de profissionais convidados, como tatuadores, pode enriquecer o processo de ensino, desde que orientada pedagogicamente e acompanhada por objetivos claros de aprendizagem.

Portanto, a efetivação do ensino da tatuagem como linguagem artística depende menos de mudanças legais e mais de mudanças de perspectiva pedagógica. Quando orientado por metodologias investigativas, processuais e sensíveis às questões culturais, o ensino de Arte amplia sua função formativa, reconhecendo no corpo um território expressivo e na tatuagem uma possibilidade legítima de criação, reflexão e fruição estética dentro da escola.

Embora as orientações curriculares e as metodologias contemporâneas ofereçam base conceitual para a inclusão de novas linguagens, é necessário compreender como essa abertura se manifesta no cotidiano escolar. A fim de observar essa realidade no contexto local, foi realizada uma pesquisa exploratória com escolas da cidade de Bauru (SP), cujos resultados serão apresentados a seguir.

### 2.2.1 Pesquisa exploratória: a tatuagem no ensino de Arte em Bauru

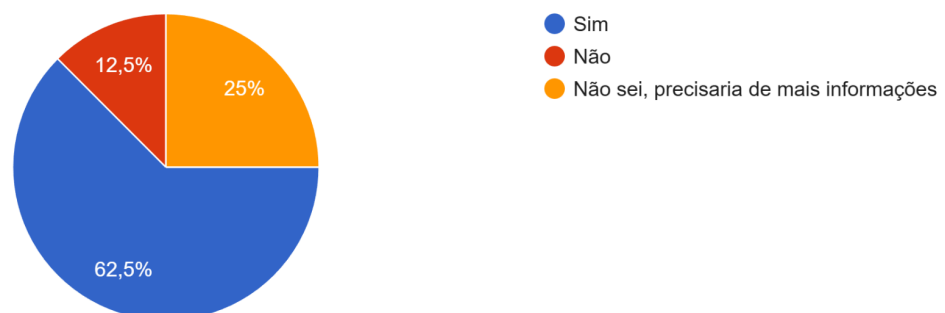
Com o intuito de verificar como as concepções sobre a tatuagem se refletem na prática docente, foi realizada a aplicação de questionário estruturado a escolas da rede pública do município de Bauru (SP). A finalidade da pesquisa foi identificar se a tatuagem é abordada nas aulas de Arte, em que contextos isso ocorre e quais são os principais obstáculos percebidos pelos educadores para tratar o tema em sala de aula.

O questionário foi enviado por e-mail a aproximadamente 120 instituições de ensino da rede pública e particular. Foram obtidas oito respostas válidas, número pequeno, mas significativo o suficiente para oferecer indícios importantes sobre o tema. As perguntas contemplaram aspectos como a presença da tatuagem nos conteúdos escolares, referências em materiais didáticos, dificuldades enfrentadas pelos docentes e percepções sobre o valor artístico da prática.

De modo geral, as respostas indicam que a tatuagem é reconhecida como forma legítima de expressão artística, embora raramente apareça nos currículos ou nas práticas pedagógicas.

10. Você acredita que a tatuagem pode ser tratada como uma forma legítima de expressão artística nas escolas?

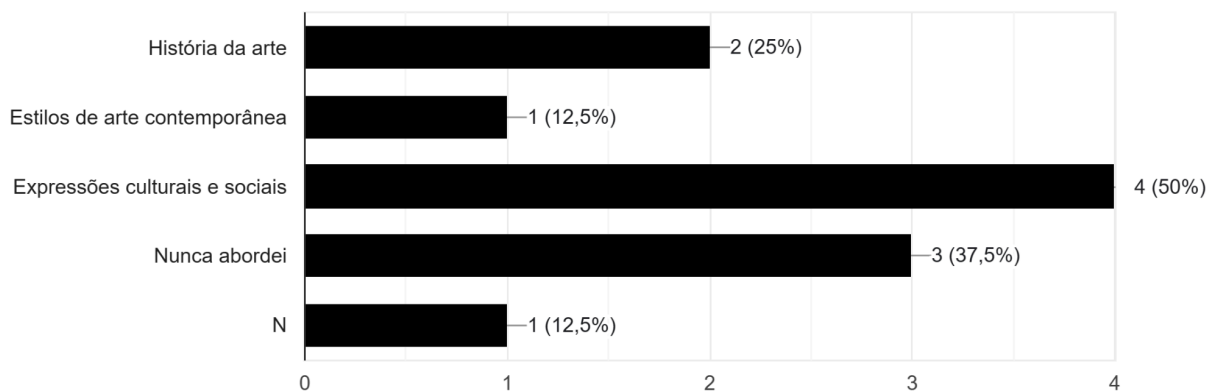
8 respostas



Os professores que afirmaram abordar o tema o fazem principalmente dentro de contextos como expressões culturais, história da arte e arte contemporânea, relacionando a tatuagem à body art e às pinturas corporais de povos indígenas e africanos. Um dos participantes relatou inclusive desenvolver atividades práticas inspiradas nessa linguagem, utilizando pigmentos naturais e explorando o corpo como suporte simbólico.

5. Se você já abordou tatuagem nas aulas, qual foi o contexto? (Marque todas as alternativas que se aplicam)

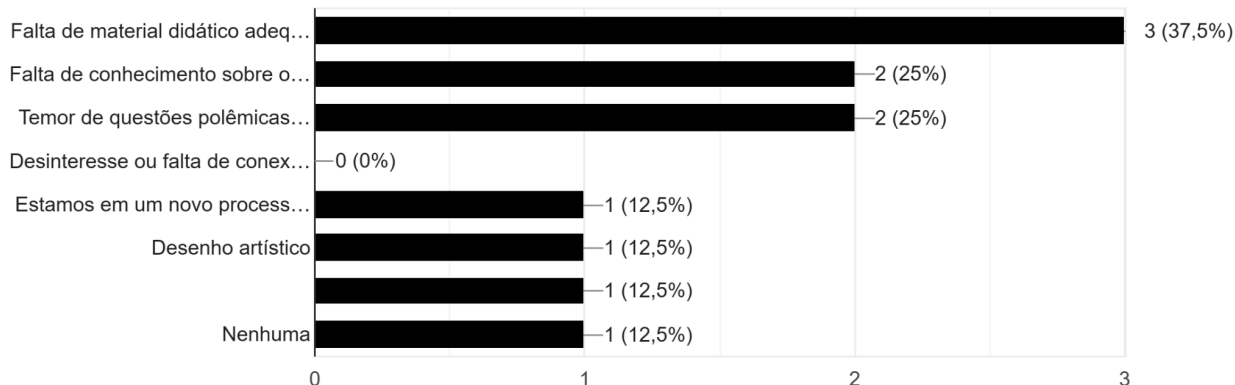
8 respostas



Entre as dificuldades mais apontadas, destacam-se a falta de material didático adequado, o temor de reações negativas de pais ou gestores e a escassez de formação específica sobre o tema. Algumas respostas também revelam insegurança institucional, com diretores ou coordenadores manifestando preocupação com o caráter polêmico do assunto. Por outro lado, houve relatos que defendem a inclusão da tatuagem nas aulas de Arte como meio de reconhecer sua relevância cultural e histórica, e de estimular o pensamento crítico e a valorização das identidades.

9. Quais seriam as dificuldades ou desafios para abordar a tatuagem nas aulas de Arte? (Marque todas as alternativas que se aplicam)

8 respostas



Um destaque relevante é a resposta de uma gestora que propõe uma leitura histórico-crítica e materialista da tatuagem, compreendendo-a como produção simbólica inserida nas relações sociais e culturais.

A inclusão da tatuagem como conteúdo no ensino de Arte é relevante e necessária quando analisada sob a ótica do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica. A arte, enquanto produção humana, é fruto das relações sociais concretas em que os sujeitos estão inseridos. A tatuagem, nesse sentido, deve ser compreendida como uma forma de expressão cultural que carrega significados históricos, simbólicos e ideológicos. Estudá-la no contexto escolar permite compreender como os sujeitos, ao longo do tempo, utilizaram o corpo como suporte para marcar identidades, rituais, pertencimentos e resistências. É fundamental que o ensino da tatuagem vá além da apreciação estética e aborde as condições históricas, sociais e econômicas que a constituem enquanto prática e linguagem visual. Assim, propomos que a tatuagem seja inserida como objeto de estudo problematizador, articulando a totalidade social que a envolve, superando visões moralistas ou superficiais. Dessa forma, contribuimos para a formação de sujeitos críticos, conscientes do processo histórico de produção dos conteúdos culturais e capazes de analisar suas próprias experiências à luz da realidade concreta.

Essa visão se aproxima da perspectiva defendida por autores como Barbosa (2012) e De Menezes (2007), que entendem o ensino da arte como prática reflexiva e investigativa, capaz de relacionar o fazer artístico à construção de sentido e consciência social.

Em síntese, as respostas obtidas confirmam a distância entre o potencial pedagógico reconhecido nos documentos curriculares e as condições reais de implementação nas escolas. Apesar de a BNCC e as DCN abrirem espaço para manifestações culturais

plurais, persistem barreiras formativas, simbólicas e institucionais que dificultam a inclusão da tatuagem como conteúdo sistematizado. Ainda assim, as experiências relatadas apontam caminhos possíveis e reforçam a relevância de discutir a tatuagem como linguagem artística no contexto educacional brasileiro.

Os questionários e respostas completas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

### **3 A TATUAGEM COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO FORMAL: UMA INTERVENÇÃO COM O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

O presente capítulo relata uma intervenção pedagógica desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da EE Irmã Arminda Sbrissia, localizada no bairro Jardim Nova Esperança, em Bauru-SP, com o objetivo de investigar como a tatuagem pode ser abordada no ensino de arte de forma crítica, ética e significativa. A iniciativa surgiu da inquietação em torno da ausência dessa temática nos currículos escolares e da necessidade de promover diálogo entre arte, cultura e identidade. A experiência ocorreu em uma escola pública estadual de ensino integral, com uma turma de aproximadamente 30 alunos, com idades entre 14 e 15 anos, viabilizada pela colaboração da professora Fabiana Martins, regente da disciplina de Artes, que cedeu seu horário de aula. A atividade foi realizada em um único encontro, com duração aproximada de 1 hora e 30 minutos, na sala de artes da escola.

A metodologia adotada seguiu uma abordagem dialógica e participativa, estruturada em três momentos principais. O primeiro consistiu na leitura coletiva e comentada de um texto introdutório sobre aspectos históricos e culturais da tatuagem, com a finalidade de introduzir a temática e estimular reflexão crítica. Em seguida, realizou-se uma palestra com o tatuador Everson Sumati, profissional com quase 30 anos de experiência em Bauru-SP, precedida por uma breve apresentação biográfica e de algumas de suas obras. Durante a palestra, Sumati compartilhou suas vivências, apresentou instrumentos de trabalho e discutiu a tatuagem como linguagem artística, cultural e simbólica. Esse momento foi marcado por diálogo espontâneo e curiosidade dos estudantes, que fizeram perguntas sobre o ofício e sobre as obras.

Por fim, os alunos participaram de uma atividade escrita reflexiva, composta por três questões que registraram suas percepções sobre a tatuagem, relacionando o conteúdo aprendido com experiências pessoais, familiares ou sociais. Essa etapa teve como finalidade mapear o entendimento dos estudantes sobre a tatuagem e suas opiniões acerca de seu estudo em sala de aula. Todos os materiais utilizados se encontram no apêndice B deste trabalho. A observação constante durante a experiência, aliada às respostas dos alunos, constituiu a principal ferramenta de coleta de dados, permitindo acompanhar reações, perguntas, opiniões, engajamento e aprendizados produzidos ao longo da atividade.

A análise das respostas revelou percepções diversas e significativas acerca da tatuagem enquanto manifestação cultural e estética. Em relação à primeira questão, observou-se que a maioria dos alunos possuía algum contato prévio com a tatuagem, seja por meio de familiares, amigos ou referências midiáticas. Esse dado demonstra que o tema faz parte do repertório visual cotidiano dos jovens e que desperta curiosidade estética e simbólica. As menções a imagens de inspiração fantástica, mitológica e simbólica, frequentemente associadas a personagens, animais ou elementos da cultura popular, indicam uma forte conexão entre a tatuagem e os universos da cultura visual juvenil, o que reforça seu potencial pedagógico enquanto ponto de partida para discussões sobre identidade, pertencimento e expressão pessoal.

Na segunda questão, que investigava se os alunos consideravam a tatuagem comparável a outras formas de arte, como pintura ou escultura, prevaleceu a compreensão de que a tatuagem é, de fato, uma manifestação artística legítima. As justificativas mais recorrentes enfatizaram o caráter manual, expressivo e criativo da prática, além de reconhecerem o corpo como suporte artístico. Essa percepção evidencia que, ainda que intuitivamente, os estudantes compreendem a dimensão estética e simbólica da tatuagem e reconhecem o papel do tatuador como artista. Notou-se, entretanto, que uma parcela menor dos participantes manteve uma visão mais restrita, considerando a tatuagem uma prática distinta das artes tradicionais, o que revela a persistência de concepções hierarquizadas sobre o que é ou não arte — um debate historicamente presente nas instituições escolares.

As respostas à terceira questão, que propunha refletir sobre o interesse em aprender mais sobre o tema nas aulas de arte, revelaram tanto entusiasmo quanto resistência. Parte expressiva dos alunos demonstrou curiosidade e disposição para explorar a tatuagem como linguagem artística, sugerindo atividades práticas e reconhecendo o potencial criativo desse tipo de trabalho. Outros, contudo, manifestaram desinteresse ou desconforto, seja por motivos pessoais, identitários ou sociais, evidenciando que a abordagem da tatuagem em sala de aula também exige sensibilidade para lidar com valores individuais, contextos culturais e preconceitos internalizados. A presença de respostas que vinculam o aprendizado à possibilidade de profissionalização aponta, ainda, para uma dimensão formativa e social do ensino de arte, que pode dialogar com as expectativas de futuro dos estudantes.

De modo geral, as respostas indicam que os alunos reconhecem a tatuagem como forma de expressão e arte contemporânea, demonstrando abertura para ampliar suas concepções sobre o fazer artístico. Tal compreensão corrobora a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007), segundo a qual o aprendizado ocorre nas interações sociais e é mediado pela cultura e pelos símbolos compartilhados. Assim, ao introduzir a tatuagem no ensino de Artes Visuais, a escola valida saberes e práticas culturais que fazem parte da experiência estética dos jovens, aproximando a arte do cotidiano e ampliando o repertório de linguagens reconhecidas no espaço escolar.

A proposta original previa, além das discussões teóricas, uma etapa prática em que os alunos criariam desenhos autorais sobre temas significativos, aplicando-os em stencil ou em bases simuladas de tatuagem. Entretanto, devido à limitação de tempo e à intensidade dos diálogos, essa atividade não pôde ser realizada. Ainda assim, os momentos de reflexão e troca mostraram-se extremamente ricos, indicando que a experiência foi significativa mesmo sem a prática. A ausência da produção artística reforça a importância de tempo e estrutura adequados para contemplar todos os aspectos essenciais da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, especialmente o eixo da produção.

Um ponto de destaque foi o momento da palestra, quando Sumati respondeu a perguntas centradas em valores e técnicas, aproveitando para abordar questões legais e éticas, como a proibição da tatuagem em menores de idade no Brasil, mesmo com autorização dos responsáveis. Esse esclarecimento gerou surpresa e possibilitou debate sobre responsabilidade, limites legais e saúde. As questões aplicadas ao final da experiência indicaram que a maioria dos alunos reconhece a tatuagem como forma legítima de arte e gostariam de aprofundar o tema na escola. Muitos relataram que a tatuagem é uma forma de expressão, e, portanto, também deve ser considerada arte. Embora alguns estudantes apresentassem visão limitada — associada à estética, status ou modismo —, a experiência contribuiu para ampliar a compreensão sobre sua dimensão histórica e artística.

Trabalhar com tatuagens em sala de aula vai além da inovação didática, configurando-se como um gesto político de ampliação dos repertórios visuais e de validação das expressões culturais juvenis. Pensar a tatuagem como linguagem artística implica refletir sobre estratégias de ensino mais inclusivas, conectadas à realidade dos estudantes e potencialmente transformadoras. A experiência gerou grande entusiasmo, com participação ativa, curiosidade e compartilhamento de

experiências pessoais relacionadas à tatuagem, seja por meio de familiares tatuados, desejos pessoais ou percepções sociais sobre o tema. As respostas dos alunos evidenciaram que, mesmo em um encontro pontual, foi possível desenvolver reflexões críticas e ampliar o entendimento sobre a tatuagem como prática estética e cultural, reafirmando seu potencial como conteúdo legítimo no ensino de Artes Visuais.

Portanto, os resultados indicam que há espaço e interesse para que temas como a tatuagem sejam inseridos no currículo de Artes, desde que abordados de forma crítica, ética e conectada ao universo simbólico dos estudantes. A experiência reafirma a importância de integrar conteúdos culturais contemporâneos ao ensino de Artes Visuais, valorizando as vivências dos alunos e promovendo uma formação estética ampla e conectada à realidade, contribuindo também para o debate sobre o que é legitimado e abordado como arte na educação formal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a tatuagem como linguagem artística e discutir suas possibilidades de inserção no ensino formal de Artes Visuais, e, além disso, compreender os processos históricos e socioculturais que contribuíram para a marginalização da tatuagem no contexto ocidental e educacional e investigar, por meio de pesquisa de campo e intervenção pedagógica, como a tatuagem pode ser abordada no ensino de arte de forma crítica, ética e significativa.

A análise permitiu perceber que o distanciamento entre a tatuagem e o espaço escolar não decorre apenas de uma omissão curricular, mas de um processo histórico mais profundo, marcado por estigmas sociais, moralismos religiosos e heranças coloniais que moldaram a forma como o corpo e a arte são compreendidos no Ocidente. Ao longo do tempo, práticas corporais ancestrais foram marginalizadas e silenciadas, enquanto as formas de arte legitimadas institucionalmente permaneceram restritas a suportes e linguagens consideradas “nobres”.

A investigação revelou, contudo, que inserir a tatuagem no ensino de artes visuais representa uma oportunidade de diálogo com a contemporaneidade e com os contextos culturais vivenciados pelos estudantes. Ao reconhecer o corpo como suporte de arte e de identidade, o ensino da tatuagem pode estimular discussões sobre estética, pertencimento, diversidade e autonomia criativa. Além disso, possibilita o questionamento das hierarquias tradicionais da arte e a valorização de práticas culturais que emergem das periferias, das ruas e dos corpos reais, tornando o espaço escolar mais inclusivo e plural.

A intervenção pedagógica desenvolvida com alunos do 9º ano mostrou-se significativa ao promover a aproximação entre o fazer artístico e o cotidiano dos estudantes. A presença de um tatuador em sala de aula permitiu que eles compreendessem o processo técnico e simbólico da tatuagem, despertando interesse, respeito e curiosidade pela arte enquanto linguagem viva. Essa vivência demonstrou que é possível abordar o tema de forma ética e educativa, sem incentivo à prática da tatuagem em si, mas valorizando-a como campo de reflexão estética e cultural.

Conclui-se, portanto, que a tatuagem deve ser compreendida como uma expressão artística contemporânea dotada de potência educativa. Sua presença no ensino formal pode contribuir para o desenvolvimento de uma educação mais crítica, sensível e comprometida com a diversidade. Inserir essa linguagem nos currículos significa reconhecer o corpo como espaço de significação e resistência, e a arte como território

de liberdade e diálogo.

Por fim, este trabalho não pretende encerrar o debate, mas abri-lo. A tatuagem, assim como a arte, é movimento, processo e narrativa. Seu estudo no contexto educacional convida professores, pesquisadores e estudantes a repensarem os limites entre arte e vida, e a enxergarem na pele — superfície viva e simbólica — uma tela onde também se escreve história, cultura e identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. [S. l.]: Ed. Nacional, 1938. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/177>. Acesso em: 11 out. 2025.
- ANTOINE, D. Virtual autopsy: Discover how the ancient Egyptian Gebelein Man died. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/blog/virtual-autopsy-discover-how-ancient-egyptian-gebelein-man-died>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. 1 ed. São Paulo. Cortez, 2012. 464 pg.
- CESAIRÉ, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.
- CLARK, Geoffrey; LANGLEY, Michelle C.. Ancient Tattooing in Polynesia. Taylor & Francis, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 407-420, mar./2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15564894.2018.1561558>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- DE MENEZES, Marina P. A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 66–77, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/22858>. Acesso em: 5 out. 2025.
- DE SOUZA OLIVEIRA, Elizabeth; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência . Boletim Historiar, [S. l.], v. 8, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- DETER-WOLF, A. *et al.* The world's oldest tattoos. Journal of Archaeological Science, USA, v. 5, n. 1, p. 19-24, nov./2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352409X15301772>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- DETER-WOLF, Aaron; PERES, Tanya M.; KARACIC, Steven. Ancient Native American bone tattooing tools and pigments: Evidence from Central Tennessee. Journal of Archaeological Science, [S.l.], v. 37, abr./2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2021.103002>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- GILLREATH-BROWN, A. *et al.* Redefining the age of tattooing in western North America: A 2000-year-old artifact from Utah. Journal of Archaeological Science, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 1064-1075, fev./2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2019.02.015>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- GUSSO, Francisco Benvenuto. A Tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. Revista Vernáculo, [S. l.], n. 37, 2016. DOI: 10.5380/rv.v0i37.38520. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/38520>. Acesso em: 4 out. 2025.

HARARI, Yuval. Sapiens: Uma Breve História da Humanidade. 1. ed. Israel: L&PM, 2015.

IABELBERG, Rosa. O ensino de arte na educação brasileira. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 100, p. 47–56, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i100p47-56. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/76165>. Acesso em: 5 out. 2025.

JEHA, Silvana. Genealogias dos corpos tatuados no Brasil. Revista Coletiva: Dossiê CORPO, [s. l.], n. 26, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-corpo-n26-artigo-genealogias-dos-corpos-tatuados-no-brasil>. Acesso em: 5 out. 2025.

KAYE , Thomas G.; BAĞ , Judyta; MARCELO , Henry William; PITTMAN, Michael. Hidden artistic complexity of Peru’s Chancay culture discovered in tattoos by laser-stimulated fluorescence. Proc. Natl. Acad. Sci. (PNAS), [s. l.], 13 jan. 2025. DOI <https://doi.org/10.1073/pnas.2421517122>. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2421517122>. Acesso em: 21 mar. 2025.

KRUTAK, Lars. “MOMIA TOLTECA”: A 1700-YEAR-OLD TATTOOED MEXICAN MUMMY. *In*: LARS KRUTAK Tattoo Anthropologist. [S. l.], 21 set. 2013. Disponível em: <https://larskrutak.com/momia-tolteca-a-1700-year-old-tattooed-mexican-mummy/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

KRUTAK, Lars. TATTOOS OF SUB-SAHARAN AFRICA. *In*: LARS KRUTAK Tattoo Anthropologist. [S. l.], 17 mai. 2023. Disponível em: <https://larskrutak.com/tattoos-of-sub-saharan-africa/>. Acesso em: 5 out. 2025.

LE BRETON, David. Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Tradução de Ruy de Oliveira. Lisboa: Miosótis, 2004.

LIMA, R. M. S. Tatuagem: história e contemporaneidade. Repositório da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/44715>. Acesso em 20 jul. 2025.

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; CATALDO NETO, Alfredo. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. Brazilian Journal of Forensic Science Medical Law and Bioethics, [s. l.], p. 294-316, 2013. DOI 10.17063/bjfs2(3)y2013294. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277916773\\_Tatuagem\\_Aspectos\\_Historicos\\_e\\_Hipoteses\\_Sobre\\_a\\_Origem\\_do\\_Estigma](https://www.researchgate.net/publication/277916773_Tatuagem_Aspectos_Historicos_e_Hipoteses_Sobre_a_Origem_do_Estigma). Acesso em: 15 fev. 2025.

LOMBROSO, C. O homem delinquente. Tradução de Sebastião José Roque. 1º. ed. São Paulo. Ícone, 2007. 30-35 p

PABST, Maria Anna; LETOFISKY-PAPST, Ilse; BOCK, Elisabeth; MOSER, Maximilian; DORFER, Leopold; EGARTER-VIGL, Eduard; HOFER, F. V. The tattoos of the Tyrolean Iceman: a light microscopical, ultrastructural and element analytical study. Journal of Archaeological Science, [s. l.], v. 36, ed. 10, p. 2335-2341, 2009. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jas.2009.06.016>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0305440309002179>. Acesso em: 3 fev. 2025.

PEREIRA, BEATRIZ PATRIOTA. SER TATUADOR/A, SER ARTISTA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE OS PROCESSOS DE ARTIFICAÇÃO DA TATUAGEM NA CAPITAL PAULISTA. Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Júnior. 2021. 483 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. DOI <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/14728>. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/4e05fab5-5867-4aaa-a545-f9ed7ebbcc01>. Acesso em: 4 out. 2025.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele : etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 179-206, abr./2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100007>. Acesso em: 20 jul. 2025.

POLOSMAK, N. THE FIRST REPORT ON A BURIAL OF A NOBLE PAZYRYK WOMAN ON THE UKOK PLATEAU. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20051001014058/http://ambal.archaeology.nsc.ru/gen-i/Editions/Electrical/Bulletens/Herald/Vol1/Chapter7/Pol4.htm>. Acesso em: 24 mar. 2025.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. Ensino de artes. 1. ed. rev. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012. 76 p. ISBN 978-85-387-2975-4.

SAD, Breno Bitarello. A tatuagem como processo. 2016. 170 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

SAMADELLI, M. *et al.* Complete mapping of the tattoos of the 5300-year-old Tyrolean Iceman. *Journal of Cultural Heritage*, Bolzano, Italy, v. 16, n. 5, p. 753-758, set./2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1296207415000023>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SANTANDER IMPRENSA. Ministério da Cultura e Santander Brasil apresentam: Exposição Arte da Alma – história da tatuagem no Brasil. Disponível em: <https://santanderimprensa.com.br/ministerio-da-cultura-e-santander-brasil-apresentam-exposicao-arte-da-alma-historia-da-tatuagem-no-brasil/>. Acesso em: 4 out. 2025.

SILVA, J. V. D. Tatuagem e religião – A tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 291-310, fev./2019. Disponível em: <https://doi.org/10.60543/rclr.v21i1.6679>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SUBTIL, Maria José Dozza. Reflexões sobre ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções. *Revista HISTEDBR*, Campinas, SP, n. 41, p. 241-254, 2011. DOI 10.20396/rho.v11i41.8639849. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639849>. Acesso em: 5 out. 2025.

VIANA, Verônica; BUCO, Cristiane; SANTOS, Thalison dos; SOUSA, Luci Danielli. Arte rupestre. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo. Martins Fontes, 2007. 224 pg.

## APÊNDICE A - Questionário aplicado às escolas da cidade de Bauru (SP)

1. Nome (opcional):

2. Escola/Instituição de Ensino: \*

- EMEII LEILA BERRIEL AIDAR
- EMEI Francisco Gabriele Neto
- Emef Thereza Tarzia
- EE Maria aparecida Maschietto
- Emeei Maria Helena Piçolato Amantini
- Colégio Evolução
- EE Henrique Rocha de Andrade
- EE Dr Luiz Zuiani

3. Qual seu cargo na instituição? \*

- Diretora
- diretora
- professora de arte/ coordenadora
- Coordenador
- Diretora de escola
- Direção
- Professor O - Artes
- Professor de Arte

4. Você já abordou ou teve algum conteúdo relacionado à tatuagem em suas aulas de Arte? \*

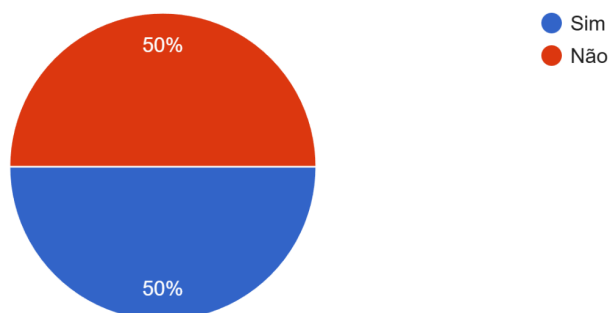
( ) Sim

( ) Não

( ) Outro: \_\_\_\_\_

4. Você já abordou ou teve algum conteúdo relacionado à tatuagem em suas aulas de Arte?

8 respostas

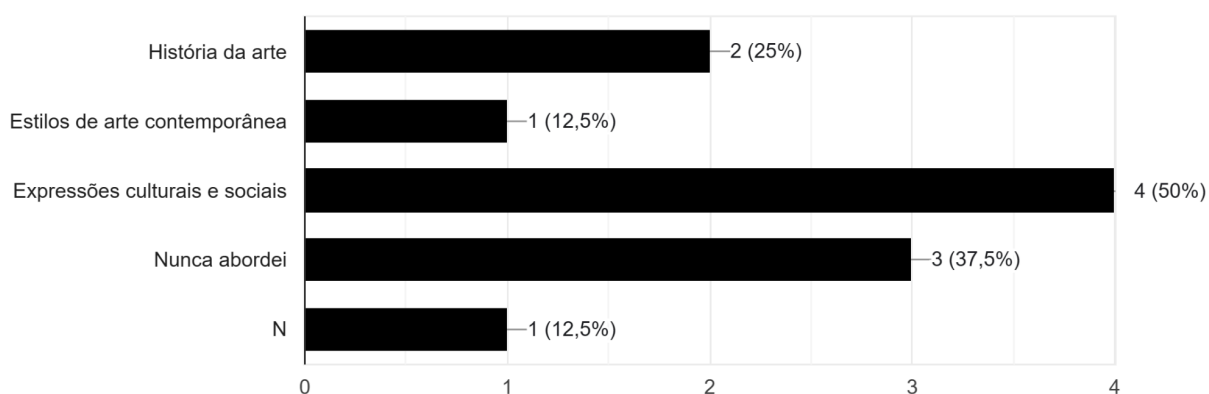


5. Se você já abordou tatuagem nas aulas, qual foi o contexto? (Marque todas as alternativas que se aplicam) \*

- História da arte
- Estilos de arte contemporânea
- Expressões culturais e sociais
- Nunca abordei
- Outro: \_\_\_\_\_

5. Se você já abordou tatuagem nas aulas, qual foi o contexto? (Marque todas as alternativas que se aplicam)

8 respostas



6. Você já encontrou referências sobre tatuagem em materiais didáticos ou livros fornecidos pela escola? \*

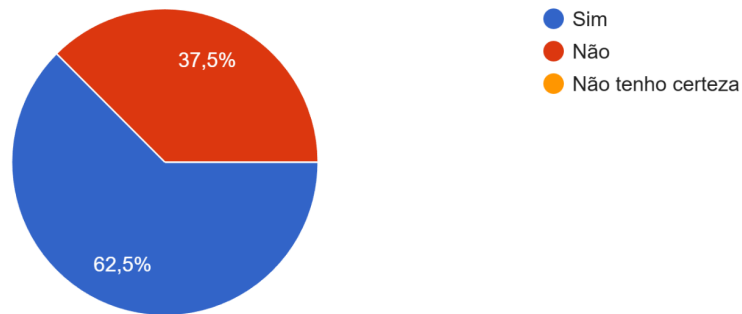
- Sim

Não

Não tenho certeza

6. Você já encontrou referências sobre tatuagem em materiais didáticos ou livros fornecidos pela escola?

8 respostas



7. Caso tenha encontrado algum conteúdo sobre tatuagem nos materiais didáticos, poderia nos informar qual o tipo de material e a citação ou referência encontrada? \*

- Material - Artes Visuais e Literatura
- não conheço
- .
- Livro didático do MEC
- nunca vi nada
- n
- As referências são no contexto das pinturas corporais indígenas
- Arte na pré-história, indígena, povos nativos, body art, Arte contemporânea, etc.

8. Você já considerou tratar a tatuagem como conteúdo nas suas aulas de Arte? \*

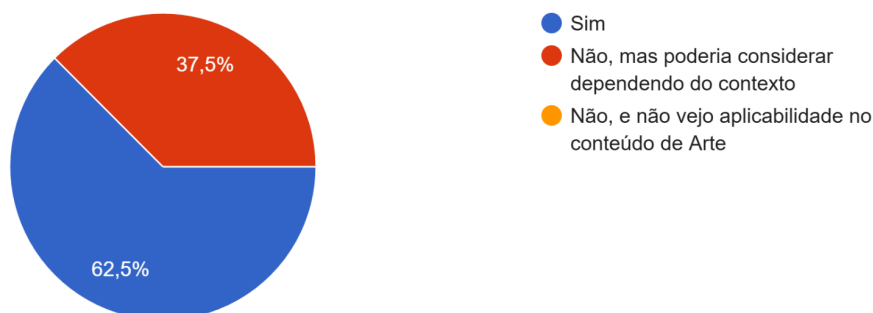
Sim

Não, mas poderia considerar dependendo do contexto

Não, e não vejo aplicabilidade no conteúdo de Arte

8. Você já considerou tratar a tatuagem como conteúdo nas suas aulas de Arte?

8 respostas

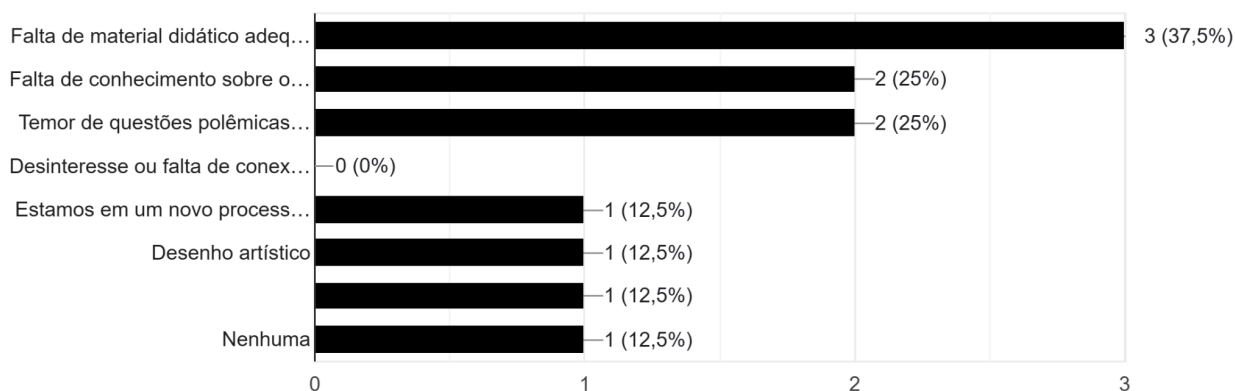


9. Quais seriam as dificuldades ou desafios para abordar a tatuagem nas aulas de Arte? (Marque todas as alternativas que se aplicam) \*

- Falta de material didático adequado
- Falta de conhecimento sobre o tema
- Temor de questões polêmicas com os alunos ou pais
- Desinteresse ou falta de conexão com o conteúdo curricular
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Quais seriam as dificuldades ou desafios para abordar a tatuagem nas aulas de Arte? (Marque todas as alternativas que se aplicam)

8 respostas



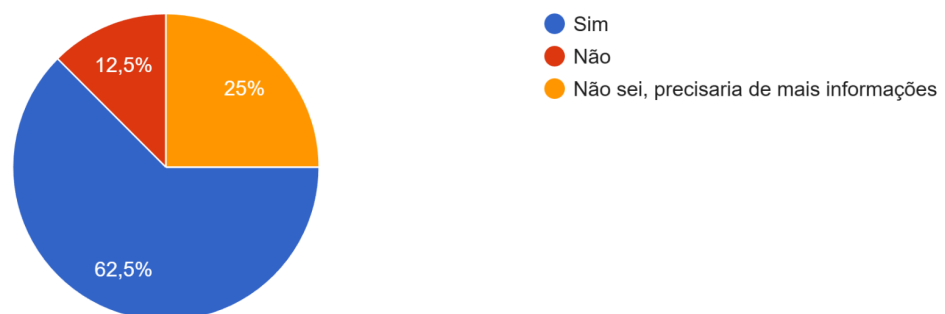
*Resposta completa: Estamos em um novo processo de formação e com ctz essa questão é relevante. Acredito que com o currículo que temos nossa concepção filosófica e epistemológica - e contextualizando historicamente (a história de todo conteúdo) e como conteúdo produzido pelas necessidades humanas - como objetivação humana - acredito que seria importante estudar a respeito -*

10. Você acredita que a tatuagem pode ser tratada como uma forma legítima de expressão artística nas escolas? \*

- Sim
- Não
- Não sei, precisaria de mais informações

10. Você acredita que a tatuagem pode ser tratada como uma forma legítima de expressão artística nas escolas?

8 respostas



11. Se você tiver alguma sugestão ou comentário sobre a inclusão da tatuagem no ensino de Arte, por favor, deixe aqui: \*

- A inclusão da tatuagem como conteúdo no ensino de Arte é relevante e necessária quando analisada sob a ótica do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica. A arte, enquanto produção humana, é fruto das relações sociais concretas em que os sujeitos estão inseridos. A tatuagem, nesse sentido, deve ser compreendida como uma forma de expressão cultural que carrega significados históricos, simbólicos e ideológicos. Estudá-la no contexto escolar permite compreender como os sujeitos, ao longo do tempo, utilizaram o corpo como suporte para marcar identidades, rituais, pertencimentos e resistências. É fundamental que o ensino da tatuagem vá além da apreciação estética e aborde as condições históricas, sociais e econômicas que a constituem enquanto prática e linguagem visual. Assim, propomos que a tatuagem seja inserida como objeto de estudo problematizador, articulando a totalidade social que a envolve, superando visões moralistas ou superficiais. Dessa forma, contribuimos para a formação de sujeitos críticos, conscientes do processo histórico de produção dos conteúdos culturais e capazes de analisar suas próprias experiências à luz da realidade concreta.
- Nunca havia pensado nesse tema, acho que precisa ser explorado
- Já estava no conteúdo sobre desenho e expressão artística contemporânea
- não tenho sugestões

- A tatuagem, muitas vezes, é associada à marca permanente no corpo, enquanto a pintura corporal, especialmente em culturas africanas ou indígenas, é uma forma de expressão temporária que se utiliza de elementos da natureza e que pode ter um significado ritualístico, religioso ou de identidade.
- Acredito que o tema pode ser abordado como expressão cultural, e como pintura corporal também como identidade individual.
- Considero ser importante que os estudantes percebam a importância e o sentido de se aprender este conteúdo, sua relevância cultural e na história até os dias atuais. Então, cabe ao professor fazer uma curadoria significativa, amparada no saber sistematizado produzido pela humanidade ao longo da história, promover reflexões e discussões acerca desta linguagem expressiva tão importante para a arte. Depois das leituras das imagens em suas diferentes abordagens e manifestações, sua contextualização, costumo propor a criação de esboços, rascunho e finalização gráfica inspirada nesta linguagem utilizando materiais como tinta corporal, pigmentos naturais, como carvão, urucum, amido de milho e cúrcuma, canetas hidrográficas ou mesmo esferográficas, em diferentes suportes, como diferentes tipos de papéis, jornal, superfícies como parede, chão e o próprio corpo, de si e do colega. Depois costumo realizar uma avaliação grupal do processo e, por fim, um registro visual desta vivência. Espero ter contribuído de alguma forma à sua pesquisa.

## APÊNDICE B - Material didático utilizado na experiência prática



# TATUAGEM NA HISTÓRIA

Todos os vestígios nos levam a crer que a prática de marcar o corpo é tão antiga quanto à própria humanidade. Não se sabe ao certo quando a prática começou, um dos registros mais antigos foi detectado no famoso “Homem do gelo”, múmia com aproximadamente 5,3 mil anos, descoberta em 1991 nos Alpes.

Algumas linhas azuis marcadas em seu corpo podem ser o mais antigo vestígio de tatuagem já encontrado ou cicatrizes de algum tratamento medicinal adotado pelos povos da Idade da Pedra. Já as múmias egípcias femininas, como a Amunet, que teriam vivido entre 2160 e 1994 a.C. apresentam traços e pontos escritos na região do abdômen, indicando assim que a tatuagem, no Egito Antigo, poderia ter relação com cultos à fertilidade.

Além do uso em rituais, a tatuagem servia também como identificação de grupos sociais, marcação de prisioneiros, ornamentação e até como camuflagem. Com o cristianismo a técnica caiu em desuso no Ocidente e foi proibida.

Tal tradição somente foi “descoberta” em 1769, quando o navegador inglês **James Cook** realizou uma expedição à Polinésia e registrou o costume em seu diário de bordo:

“homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de **tatau**. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével”.

Em 1891, surge a máquina elétrica de tatuar, com isso o hábito se espalhou ainda mais pela Europa e pelos Estados Unidos. Até o final do século XX, a pele desenhada, até então era quase uma exclusividade de marinheiros e presidiários, atualmente é uma das modas mais duradouras entre os jovens pertencentes às mais diferentes classes sociais.

Fonte: Brasil Escola - <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/tatuagem.htm>

*\*indelével: que não se pode apagar, eliminar.*



Reconstrução computadorizada de como seria o rosto de Ötzi e algumas de suas tatuagens

Figura A1 – Página 1 do material entregue aos alunos.

# EWER SUMATI

Ewer Sumati é um artista tatuador que atua em Bauru desde 1997. Formado em Design Gráfico pela UNESP, em 1999, desenvolve um trabalho autoral marcado pelos estilos Trash Polka, Sketch e Realismo.

Além da tatuagem, Sumati também se dedica às artes visuais, utilizando técnicas como aquarela e carvão para criar obras autorais expressivas e únicas.

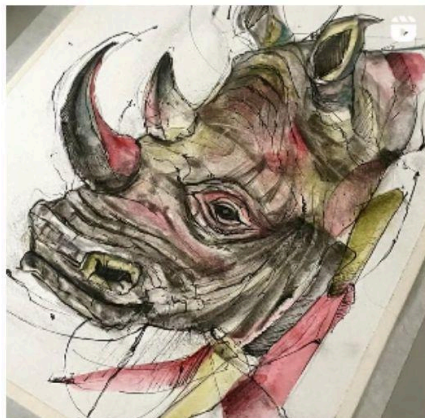


Figura A2 – Página 2 do material entregue aos alunos.

NOME: \_\_\_\_\_



**VAMOS PENSAR JUNTOS?**  
Agora que você leu um pouco sobre a história da tatuagem, bora refletir!  
Responda as perguntas a seguir com base no que você já viu, ouviu ou pensa sobre o assunto.  
Não tem resposta certa ou errada — o mais importante é sua opinião e sua visão sobre esse tema!

Você já viu alguma tatuagem que achou bonita ou diferente? Como ela era?

---

---

Você acha que uma tatuagem pode ser comparada a uma obra de arte, como uma pintura ou escultura? Por quê?

---

---

Você gostaria de aprender mais sobre tatuagem nas aulas de arte? Como você acha que seria?

---

---

Figura A3 – Página 3 do material entregue aos alunos.